

REFORMADOR

ISSN 1413-1749

REVISTA DE ESPIRITISMO CRISTÃO

FUNDADA EM 21-1-1883

ANO 118 / FEVEREIRO, 2000 / Nº 2.051

Fundador: Augusto Elias da Silva

Propriedade e orientação da



FEDERAÇÃO ESPÍRITA
BRASILEIRA

DIREÇÃO E REDAÇÃO

Rua Souza Valente, 17
20941-040 Rio RJ Brasil



INTERNET

PÁGINA NA WEB:
<http://www.febrasil.org.br>

E-MAIL:
feb@febrasil.org.br

Editorial – A Divulgação Espírita

Bom Ânimo - Juvanir Borges de Souza

Era Nova — Orlando Teixeira

Fascinação Obsessiva — Manoel P. de Miranda

O Segredo dos Cultos — Dalva Silva Souza

Embaixadores da Parte do Cristo — Carlos Augusto Abranches

Um Século de Consolações — A.. Merci Spada Borges

Eremitas Sociais — Richard Simonetti

Preocupações — Washington Borges de Souza

De Frente e de Perfil — Iaponan Albuquerque da Silva

A Palestra na Escola da Alma — Waldehir Bezerra de Almeida

A Insensatez da Vingança — Mauro Paiva Fonseca

Incertezas — Hernani T. Sant'Anna

Esflorando o Evangelho — Ninguém se Retira — Emmanuel

A Codificação do Espiritismo — Gil Restani de Andrade

A FEB e o Esperanto — A Missão do Esperanto no Terceiro Milênio — Ismael Gomes Braga

Se Há Tanta Paz... Se Estas Paco... — Luna Fernandes / Sylla Chaves

Escândalos — Inaldo Lacerda Lima

Por que Não se Discutir os Mistérios? — Carlos Bernardo Loureiro

Retificando...

Conseqüência da Omissão Materna — Passos Lírio

Mãos Fortes e Limpas — André Luiz

A Radiofonia Espírita no Brasil— Washington Luiz N. Fernandes

Consciência, o Espelho da Alma — Marcelo Paes Barreto

Escrevendo na Areia — Luiz Carlos Camarão

A Visão Espiritual Sobre o Suicídio — Domério de Oliveira

Campanha “Amor à Vida! Aborto, Não! —O Aborto na Visão Espírita

Seara Espírita

Assinatura de Reformador Edição Impressa

Seja Sócio da FEB

Nota: Ilustram nossa capa “Tempo de Transição” e “Tempo de Renovação”, dois livros que reúnem artigos escritos para Reformador por Juvanir Borges de Souza.

O ex-Presidente Thiesen, sentindo-lhes a importância, resolveu republicá-los reunidos nesses livros. Prefaciando o primeiro diz: “Tempo de Transição” traduz com simplicidade a época que vivemos e o quanto pode ser feito no campo imenso do jornal e do livro, no Espiritismo, quando os corações e as mentes buscam a sintonia e a obediência espontânea, de consciência e de fé raciocinada, com Jesus Cristo, pois o Espiritismo é Doutrina sua a reviver-lhe o Evangelho (...).”

Editorial

A Divulgação Espírita

Com o advento da Doutrina Espírita, que trouxe, em seu âmago, verdades e realidades novas, percebeu o Codificador a necessidade de sua divulgação.

Essa a razão de ter ele lançado, logo após a publicação de “O Livro dos Espíritos”, em 1857, a Revista Espírita, em 1º de janeiro de 1858.

A imprensa, compreendendo o livro e o periódico, ao lado da palavra falada (conferências, palestras, estudos), foram os meios utilizados inicialmente para difundir a novel doutrina, tornando-a conhecida quanto possível, como parte da programação da Espiritualidade.

Já no século XX, com a invenção de outros meios de comunicação — rádio, televisão, internet, CD-Rom, vídeo — a divulgação da Doutrina alcançou nova dimensão, acompanhando o progresso, mas ainda não atingiu o índice desejado e correspondente à importância que representa o conhecimento espírita.

O que precisa tornar-se claro para os espíritas em geral e para o seu Movimento é que o Espiritismo, pela sua natureza, pela sua índole e pelos princípios que o constituem, todos caracterizados por uma moral e uma ética inconfundíveis, não pode lançar mão de quaisquer meios para sua divulgação.

Em outras palavras, o marketing comum, usual no lançamento e sustentação de produtos e serviços no mercado, não deve ser utilizado na divulgação espírita, sob pena de comprometimento de uma causa transcendente e superior por falta de sensibilidade e conhecimento dos próprios espíritas.

Que compete ao Movimento Espírita difundir, propagar, divulgar a Doutrina não há a menor dúvida.

Mas a divulgação, em sua forma, há que estar compatível com os princípios doutrinários.

Não se deve confundir a divulgação séria e necessária — dever do espírita — com proselitismo a qualquer custo, com imitações comprometedoras, com propagandas comerciais, seja a que título for.

A seriedade e a beleza da Doutrina Consoladora não se compatibiliza com a propaganda vulgar.

Será preferível a cautela, a espera do momento oportuno e dos recursos necessários à divulgação correta, em lugar da precipitação e da imprevidência, que poderão trazer constrangimentos e prejuízos perfeitamente evitáveis. ●

Bom Ânimo

JUVANIR BORGES DE SOUZA

“Tende bom ânimo” — “Não se turbe o vosso coração” — São ensinamentos de Jesus, o Cristo de Deus, para todos os discípulos e seguidores que, em todos os tempos, aceitando sua Mensagem, dispõem-se a segui-la e deparam-se com toda sorte de dificuldades.

Neste período de transição da Humanidade terrena, caracterizado por grandes transformações de toda ordem, o progresso científico e tecnológico faz-se presente em todas as atividades humanas.

Os observadores atentos, mesmo os mais jovens, podem perceber o progresso rápido que se opera no mundo, com a adoção de novas técnicas nas comunicações de massa, nos transportes, na indústria, no comércio, na agricultura, nas relações sociais, na legislação, nas instituições.

Todo o século XX foi pródigo em modificações e verdadeiras metamorfoses na vida material das criaturas, decorrentes de invenções e novas tecnologias aplicadas.

Mas, e as transformações de ordem moral? Têm sido elas positivas e obedecem ao mesmo ritmo?

Infelizmente, não! No Ocidente, escolas morais que se inspiraram nas fontes sublimes do Cristianismo e chegaram até nossos dias deixaram-se influenciar pelos interesses materiais, pela ânsia do poder e por interpretações infelizes, gerando equívocos e dogmatismo generalizados transmitidos às massas humanas.

No Oriente, antigas religiões e filosofias enquistaram-se de tal forma que não conseguiram acompanhar o processo evolutivo natural.

De outro lado, o materialismo multifário continua com sua influência negativa sobre as mentes, hoje, como no passado distante.

Esse, em síntese, o estágio evolutivo da Humanidade que se apresenta no mundo, ao findar-se o segundo milênio da Era Cristã.

Uma parcela menor da população da Terra aspira por uma transformação desse quadro, no decorrer do novo milênio que se vai iniciar, não somente no que se relaciona com o progresso material, mas principalmente no que se refere à evolução moral.



A Terceira Revelação, o Consolador prometido, é a Mensagem Rediviva do Cristianismo do Cristo, foco luminoso que exsurge com o Evangelho do Mestre dirigido a todos os homens.

Essa Nova Mensagem retifica desvios que os homens produziram no decorrer dos séculos, desfigurando os ensinamentos do Mestre.

Mostra ela uma realidade espiritual sem véus, tornando clara a mensagem redentora, através de novos conhecimentos e da revivência de princípios morais que Jesus resumiu no “amai-vos uns aos outros”.

Está, pois, no mundo, todo o instrumental para a arrancada do Planeta na direção de sua transformação em Mundo Regenerador, deixando sua atual condição

de orbe de expiações e provas.

O progresso material, científico, intelectual, tecnológico continuará ocorrendo, sem a menor dúvida, proporcionado pelas pesquisas e aplicações dos próprios homens.

A dificuldade maior, como sempre, ocorrerá no campo moral.

Acordar para as verdades e realidades da vida, aceitá-las e vivenciá-las, eis o grande obstáculo a ser enfrentado por todos os habitantes deste orbe ainda tão atrasado.

Ninguém está dispensado da luta pela transformação moral do nosso mundo, já que ela depende da aplicação e da modificação, para melhor, de cada individualidade.

Cada indivíduo tem um longo aprendizado a fazer, convencendo-se a si mesmo da necessidade de educar-se e reeducar-se, para que esteja em condições, inclusive, de auxiliar seu semelhante.

A síntese maravilhosa do Cristo — amar a Deus e ao próximo, como a si mesmo — o mais elevado ensino moral de todos os tempos, não deixa margem a qualquer dúvida sobre o dever e a responsabilidade que todos temos para a edificação de uma nova Era, de um novo Reino, neste nosso mundo áspero, que assim se apresenta justamente pela falta de amor entre as criaturas de Deus.

A Doutrina Espírita, essa bênção que vem do Alto para a Humanidade, contém as realidades da vida na Terra e da sua continuação no Plano Espiritual, a serem ensinadas a todos.

Entre essas realidades estão os ensinamentos de Jesus, de ordem comportamental, para que cada seguidor os aplique nas próprias ações de sua vida diária. Isso facilita a vivência dos ensinamentos, que não devem ficar apenas no terreno do discurso, sem a aplicação prática.

Mas é preciso que cada adepto sincero da Doutrina Consoladora se disponha ao trabalho incessante de reerguer-se, aprimorar-se, reeducar-se, o que não é fácil.

Para isso há necessidade de bom ânimo.

“No Mundo passais por aflições; mas tende bom ânimo, eu venci o mundo.” (João, 16:33.)

Nesse esforço de elevação individual, servir, ajudar, compreender os companheiros de jornada faz parte dos problemas, obstáculos e desafios que se estendem por todos os lados.

O aprendiz sincero e aplicado não deve desanimar, nem fugir à responsabilidade, com receio às críticas.

Até mesmo no seio do Movimento Espírita, no recesso das Instituições Espíritas e no relacionamento dos trabalhadores e companheiros encontram-se dificuldades e obstáculos a transpor.

Há necessidade de que cada um seja pertinaz nos anseios de aperfeiçoamento, não se deixando conduzir pelos interesses pessoais, nem por pontos de vista individuais.

O personalismo torna-se deprimente e lamentável, principalmente quando vivenciado por espíritas que confundem a Doutrina com seus próprios pontos de vista.

Se já encontramos o rumo certo da orientação da Doutrina Consoladora, precisamos compreender que o obstáculo da incompreensão, da ironia ou da ingratitude do companheiro não nos deve desviar do propósito de servir, sem desânimo.

Se alguns persistem nos “pontos de vista”, e no egotismo destruidor, ao servidor sincero e consciente compete perseverar nos serviços do Bem e do Amor Soberano, capaz de compreender os próprios inimigos e adversários.

Nas lutas do mundo, em quaisquer circunstâncias, como temos de enfrentá-las, nosso pedido ao Alto deve consistir em reforço de nossa vontade, de nosso bom ânimo, libertando-nos de todo mal, da aflição, do desespero.

Nada melhor para reforço do bom ânimo do lutador leal que a sinceridade de propósitos, a busca do Bem, o perdão das ofensas, a fé nos desígnios e nas leis de Deus.

Cumpramos nossas tarefas, por menores ou humildes que sejam, com devotamento e sinceridade. O trabalho útil e desinteressado é a forma que encontramos para justificar que temos condições de aspirar a servir à grande causa do Bem, que está à espera de servidores decididos.



Nas lides espiritistas, cada lidador começa o grande trabalho de renovação do mundo que o rodeia com a preparação da “terra de si mesmo”.

Para essa preparação é necessária muita paciência consigo mesmo.

No trabalho continuado não há lugar para a ociosidade.

Cada dia oferece oportunidades para novas experiências nessa “terra interior”.

Há muito o que realizar no campo do mundo, mas, antes, torna-se necessário o preparo do campo íntimo.

O bom ânimo de prosseguir precisa estar lastreado no convencimento de que o batalhador está no caminho certo e que tem forças para resistir ao mal.

Fiel servidor é aquele que não se deixa impressionar pela ignorância e pela má-fé, que não se ilude mais a si mesmo movido pela vaidade, que não se deixa conduzir pelo narcisismo enganador.

É preciso que o obreiro sincero aprenda a ser humilde, sem subserviência, distribua a luz, de que seja portador, aos companheiros de jornada, defendendo sempre seu santuário interior contra as arremetidas das trevas.

Na prática do Amor, com bom ânimo, cultivemos e construamos:

a Fé

a Coragem

a Esperança

a Confiança

a Paciência

a Resignação

a Compreensão

a Aceitação do outro. •

Era Nova

ORLANDO TEIXEIRA

Fulge o século XX... É o homem que se apruma
Na conquista do espaço em majestade e glória;
Surgem novos clarões nos domínios da História
E algemas ancestrais desatam-se, uma a uma...

Mas na turba que geme há pranto, cinza e bruma,
Ódio, orgulho e ambição na lodacenta escória,
Que se alonga no chão, por sombra merencória,
Gerando, em toda a parte, a dor que se avoluma.

Estendamos, assim, na triste gleba humana,
A lição de Jesus, eterna e soberana,
Fazendo nova luz na Terra envilecida...

Porque somente em Cristo, ao Sol dum rumo certo,
Pode o homem do mundo, enfim, puro e liberto,
Elevar-se, cantando, ao encontro da Vida.

(Do livro "Poetas Redivivos", de Diversos Espíritos, psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier, cap. 29, p. 54, 3. ed. FEB.)

Fascinação Obsessiva

O narcisismo é desvio de comportamento que perturba o ser humano colhido pelos conflitos que não consegue diluir. Também pode ser resultado de alguma frustração que leva o paciente ao retorno ao período infantil.

Auto-apaixonando-se, o narcisista se atribui valores e direitos que a outrem não concede, tornando-se o epicentro dos próprios e dos interesses gerais.

À medida que se lhe agrava o distúrbio, aliena-se do convívio social saudável, acreditando que não tem muito a lucrar com a atenção e os cuidados que poderia direcionar às outras pessoas.

Esse comportamento, às vezes, é sutil, agravando-se na razão que se lhe fixam no imo a presunção, a ausência de autocritica, embora a severidade com que analisa a conduta alheia, utilizando-se de palavras ásperas e julgamento severo como transferência daquilo de que inconscientemente se faz merecedor.

Ao tomar essa atitude, libera a *consciência de culpa* e mais se enclausura na torre de *marfim* da prosápia em que se movimenta.

Essa insegurança psicológica, que se converte em auto-afirmação exibicionista, conspira contra a saúde mental do ser.

Em razão dessa deficiência emocional, quando portador de mediunidade atrai Espíritos zombeteiros que o inspiram, comprazendo-se os mesmos em levar ao ridículo aquele com quem sintonizam, sem que a vítima se dê conta da gravidade da patologia obsessiva em que tomba.

Não se apercebendo da parasitose que se lhe instala, passa a acreditar quase que exclusivamente nas comunicações de que se faz instrumento, competindo com qualquer outro que, aparentemente, lhe ameace a projeção.

Mantém boa moral, é conservador e exigente na conduta, porém a *tomada* na qual se encaixa o *plague* obsessivo encontra-se no egoísmo e no temperamento especial, que lhe constituem os grandes desafios a vencer durante a conjuntura reencarnacionista.

Na ordem direta que se destaca, ensoberbece-se mais, deixando de considerar as advertências que lhe chegam, por supor-se inatacável, distanciado da humildade que impõe a auto-reflexão, responsável doutrinariamente pela proposta de *tomar para si as comunicações dos Espíritos antes que para os outros*.

Imbuído da idéia de que é irreprochável o seu comportamento, passa a supor-se merecedor do contato com os Espíritos nobres e não analisa as comunicações que lhes são atribuídas, cujo conteúdo não vai além do trivial, do destituído de profundidade. São, invariavelmente, repetitivas, exaradas em chavões convencionais, às vezes pomposos, mas irrelevantes.

A obsessão por fascinação é um capítulo muito perturbador do exercício mediúnico.

Toda a trilha da vivência mediúnica é inçada de cardos e de perigos, impondo um trânsito cuidadoso, porque se trata de intercâmbio constante com seres inteligentes, que também se domiciliaram na Terra, continuando a manter as virtudes e os vícios que lhes eram freqüentes.

Vigilantes e contumazes, os ociosos e perversos rondam os médiuns com implacável insistência, aguardando oportunidade para os afligir, para interditar-lhes

as mensagens, para entorpecer-lhes a faculdade...

A obsessão, em si mesma, é terrível flagelo que se manifesta epidêmico com periodicidade, mas que nunca esteve fora da convivência humana.

Em torno da mediunidade, particularmente, se movimentam os Espíritos infelizes, quais mariposas em volta da chama...

Aqueles que são elevados, sintonizam a distância, quando as circunstâncias o propiciam, enquanto que os desocupados permanecem com afã esperando fruir benefícios mórbidos como a absorção de energias do médium, a intromissão nas atividades humanas, gerando a perturbação em que se comprazem.

A terapia para a recuperação desse tormento se inicia na vigilância do médium, vivenciando a humildade real e tendo a coragem de bloquear e interromper a interferência nefasta, cuidando de livrar-se do seu maneirismo, descendo do pódio da superioridade que se credita para a planície das criaturas comuns e frágeis onde se deve situar.

Nenhum médium se encontra indene a esse transtorno obsessivo, e ele é muito mais habitual e constante do que se pode imaginar.

Multiplicam-se na sociedade humana as pessoas autofascinadas, e entre os médiuns, muitos são aqueles que se apresentam com a ultrajante síndrome da obsessão por fascinação.

O *Senhor dos Espíritos*, sempre que libertava os obsessos, repreendia os seus algozes, admoestando-os e, ao mesmo tempo, lecionando às suas vítimas que Lhe seguissem as diretrizes, amando e servindo.

Ante obsessos de qualquer matiz, são necessários a paciência e a misericórdia, o esclarecimento e a perseverança, a fim de que tenham tempo para despertar e romper os elos que os aprisionam aos seres perturbadores. •

MANOEL P. DE MIRANDA

(Página psicografada pelo médium Divaldo P. Franco, em 19-7-1999, no Centro Espírita Caminho da Redenção, em Salvador, Bahia.)

O Segredo dos Cultos

DALVA SILVA SOUZA

Não escapa a ninguém o fenômeno da proliferação das diversas formas de culto no mundo moderno. O episódio chocante do suicídio em massa liderado por Jim Jones e o fenômeno social em que se transformam algumas igrejas devem provocar sérias e profundas reflexões, quando tentamos analisar a cultura em que vivemos. Afinal, o que leva as pessoas, muitas vezes, a abdicarem da possibilidade de dirigir suas próprias vidas, delegando a outrem o poder de fazê-lo? Que armas são usadas nesses cultos para a obtenção de quase total dedicação e obediência dos seguidores?

Os fatos apontam para lacunas que se tornam cada vez maiores em nossa cultura. O que os cultos oferecem às pessoas são elementos que estão faltando a elas na estrutura social. Os líderes de tais seitas compreendem a importância para o homem de três coisas: afeto, segurança e sentido. Aos solitários, os cultos oferecem amizade e aceitação. O recém-chegado é rodeado de afeto e é chamado de irmão. Tão compensador é esse calor e atenção que o indivíduo, muitas vezes, é levado a desistir de sua família e amigos e induzido a doar seus ganhos ao culto.

Os cultos também oferecem segurança, na medida em que impõem uma rígida disciplina. A fase de transição pela qual atravessamos alterou profundamente os papéis sociais antigamente tão definidos. Diante disso, as pessoas sentem-se inseguras e incapazes de tomar suas próprias decisões, apreciam que outros decidam por elas e se sujeitam aos rigores disciplinares impostos a troco dessa ilusão de segurança.

O sentido é um outro produto oferecido com êxito. Geralmente, cada culto possui a verdade única e os que deixam de reconhecer o valor dessa verdade são caracterizados como mal-informados ou satânicos. A mensagem do culto é pregada ao novo membro em sessões consecutivas até que ele assimile os termos de referência, o vocabulário e, enfim, a interpretação da realidade que lhe é oferecida. O poder dessa mensagem reside em que ela proporciona ao indivíduo uma síntese em contraposição à fragmentação da cultura especializada em que vivemos. Não importa se a estrutura dada não corresponde à realidade verdadeiramente, o fato é que ela alivia o stress, dando um significado à vida. Embora possamos reconhecer um benefício imediato para o indivíduo em tudo isso, é preciso considerar que o preço cobrado é muito elevado: a entrega incondicional de si mesmo.

As ciências sociais oferecem também uma grande contribuição para o entendimento dessa questão. Quando conseguimos olhar a trajetória do homem na Terra, como se estivéssemos contemplando a paisagem do alto de uma montanha, delineia-se ao nosso entendimento o caminho que vai dos tempos primitivos, com suas práticas mágicas, ao advento da maturidade espiritual, em que aparece o Cristianismo como o remate de um vasto processo. Mas nem todos os indivíduos estão no mesmo patamar de desenvolvimento. Há uma conquista coletiva, contudo é necessário que cada um dentro do conjunto realize a sua parte. O que cabe ao homem é vencer dentro de si mesmo os impulsos que ainda o prendem às manifestações primitivas da crença. Há resíduos das várias fases que ainda se misturam nos sistemas religiosos da atualidade. Por isso ainda há imagens, talismãs, cristais e outras formas de concretização da busca de transcendência. Por isso também, há aqueles que necessitam dos dogmas e da segurança fornecida pelos cultos praticados em massa.

E, como bem observou Hermínio Miranda: *“Vemos, com o rótulo de religião, poderosas multinacionais da fé, manipulando, como qualquer megaempresa, milhões de dólares sob a batuta de gurus carismáticos. Vemos disputas sangrentas entre facções divergentes, ainda que nominalmente sob a mesma categoria, como, por exemplo, entre os chamados cristãos da Irlanda do Norte. Vemos religiões empenhadas em implacável terrorismo político, como no caso Indira Gandhi, ou na intolerância fanática de uns tantos aiatolás. Vemos cultos satanistas, voltados para a magia negra, para as práticas orgiásticas, os rituais insensatos, o uso de alucinógenos, o misticismo doentio, a fantasia desvairada, o profetismo apocalíptico. Vemos, à margem disso, o religioso da irreligião, montando sofismas como blocos invisíveis destinados a construir monstros de arquitetura intelectual, empenhados em demonstrar que a fé é burra. **

Quando consideramos o advento do mundo de regeneração, previsto para o terceiro milênio, ao pensar na construção de uma nova sociedade mais sadia e democrática, constatamos que não bastam novas tecnologias ou novos suprimentos de energia, será preciso oferecer às pessoas interação afetiva, segurança e sentido, e, ainda, possibilitar a elas condições de desenvolverem o sentimento inato de fé que possuem, mas não a fé dogmática e, sim, a fé que sabe, porque se apóia na razão. E essa é a missão do Espiritismo nos tempos modernos.

O Cristianismo definiu um novo horizonte de manifestação religiosa, uma nova concepção da Divindade, numa prédica inteiramente livre de formalismos. Mas, após o retorno de Jesus ao mundo espiritual, os homens encarregados da difusão da sua mensagem acrescentaram à prática cristã conteúdos pertinentes às estruturas simbólicas que recobriam seu próprio sentimento religioso. Em primeiro lugar, vemos os apóstolos na tentativa de enquadrar os ensinamentos cristãos no sistema judaico, com a exigência de circuncisão dos novos adeptos, de oferta de sacrifícios no templo e a aplicação do batismo. Em seguida, a época medieval em que se construiu uma organização que reproduzia um modelo de religiosidade a se expressar por meio de ritos, aparato litúrgico e formas sacramentais copiadas dos cultos pagãos.

Quando Jesus anunciou à mulher samaritana que um dia os verdadeiros adoradores de Deus o adorariam em espírito e verdade, sem necessidade de se dirigirem ao Templo de Jerusalém, estava prevendo o desenvolvimento histórico do processo religioso. Ele sabia que os homens haveriam de se libertar, com a evolução, dos formalismos do culto exterior. Foram necessários séculos, a fim de que o mundo se encontrasse preparado para o advento do Consolador. O Espiritismo, nascido na França em 1857, retoma as verdades essenciais do Cristianismo, parte do estudo do fenômeno mediúnico, para estabelecer a verdade dos princípios defendidos pelas grandes religiões já instituídas pelos homens.

Com o advento do Espiritismo, o Espiritualismo supera as fases mágicas do seu desenvolvimento e atinge o plano da razão, definindo-se num esquema de idéias claras e distintas, capaz de restaurar seu prestígio diante do avanço das Ciências. Entretanto, inadvertidamente, muitos adeptos do Espiritismo deixam-se empolgar ainda por comunicações mediúnicas de cunho profético, manifestam-se dependentes das orientações dos guias, demonstrando que nos recessos do seu inconsciente ainda persistem as matrizes do pensamento mágico do passado. Precisamos inteirar-nos do pensamento espírita em sua pureza, para divulgá-lo com coerência e fidelidade, a fim de que as criaturas encontrem as respostas que buscam e se orientem para uma nova forma de manifestação religiosa libertadora. ●

* MIRANDA, Hermínio C. As Mil Faces da Realidade Espiritual, 2. ed. Sobradinho, DF: EDICEL, 1994, cap. 19.

Embaixadores da Parte do Cristo

CARLOS AUGUSTO ABRANCHES

Lembro-me daquele dia distante, cerca de 17 anos atrás. Estava com amigos do Centro Espírita Ivon Costa, de Juiz de Fora, seguindo rumo à antiga favela do Cafarnaum, depois bairro Santa Cecília, próximo ao São Mateus. Formávamos a equipe de estudos da terça-feira. Nos fins de semana, trabalhávamos junto à comunidade da região.

Seu Manoel morava no alto do morro e era freqüentador do Ivon Costa. De início, procurou a casa para receber mantimentos, mas acabou afeiçoando-se ao grupo e passou a colaborar, fazendo serviços elétricos ou hidráulicos quando necessário, pelos quais sempre era devidamente remunerado.

Naquele sábado à tarde, caminhávamos pela viela junto a uma das inúmeras ladeiras do local quando fomos avistados pelo amável senhor. Chamou-nos, entusiasmado, para que conhecêssemos seu barraco.

Por fora, uma singela acomodação levantada a duras lutas por seu Manoel. Apenas dois cômodos, a sala conjugada com um quarto, separados por uma cortina e um guarda-roupa, e a cozinha, com uma saída para o banheiro, mais aos fundos.

A realidade começou a mudar para nós quando entramos no lar do amigo. A casa apertada abrigava uma das mais elevadas vibrações de amor e equilíbrio que já pude sentir em minha vida. Mergulhar nas ondas psíquicas de profundo carinho e respeito que vibravam naquele ambiente fez com que nosso grupo atentasse para o fato inusitado.

Seu Manoel vivia com a esposa e um filho. Tinha pouca instrução. Mesmo assim, logo que conheceu o Espiritismo, interessou-se pela leitura das obras de Allan Kardec e quis aprender a dar passes. Tornou-se, assim, passista de algumas reuniões de estudo.

Estávamos na sala da casa quando ele disse que gostaria que participássemos de uma leitura do Evangelho em seu lar. Estudo feito, disse-lhe que gostaria de receber dele uma transmissão de energias, aproveitando a oportunidade de estar em ambiente tão favorável.

Envergonhado, porém prestativo, seu Manoel orou e estendeu as mãos rudes e grossas sobre minha fronte, deixando-me com as vibrações serenas e fortes, vindas de uma alma humilde e amadurecida.

No mesmo instante, lembrei-me da afirmação do apóstolo Paulo — “de sorte que somos embaixadores da parte do Cristo” (II Cor., 5:20) — e imaginei a amplitude da legião de embaixadores que o Cristo tem em seus discípulos sinceros.

Tal como o querido Manoel, que quase não falou naquele dia, com medo de interferir nas reflexões dos pretensos estudiosos do Evangelho que estavam em sua casa, os colaboradores leais de Jesus podem ser reconhecidos pelo domínio do silêncio sábio e da palavra oportuna, quando são chamados a expor os pontos de vista.

Na verdade, são mais afeitos à prática do que à teoria. Têm mais vivos dentro de si deveres a cumprir do que direitos a reclamar. Normalmente, são cooperadores devotados e desconhecidos do mundo, mas que se movimentam intensamente pelos caminhos anônimos da caridade oculta, que beneficia sem se ostentar.

Eles fazem assim porque sabem que o tesouro da bondade se guarda nos cofres da consciência tranqüila, e não precisam, sob nenhuma hipótese, ficar sendo

expostos aos elogios da multidão.

Um pouco antes de voltarmos para casa, seu Manoel nos disse:

— Meus filhos, é preciso que reparemos a quem buscamos servir, porque se já estamos com a Boa Nova em nossos raciocínios, é preciso coragem para trazê-la ao recanto do coração. Aí sim, teremos condições de levantar esta candeia, a fim de iluminar o caminho dos que sofrem, perdidos na escuridão. •

Um Século de Consolações

A. MERCI SPADA BORGES

As páginas que compõem a história da Humanidade estão eivadas de estrelas de primeira grandeza; almas que, esquecidas de si mesmas, dedicaram-se intensamente ao trabalho do bem. Na renúncia constante, viveram integralmente os ensinamentos do Mestre. Dentre tantos desses talentos espirituais, um deles será destacado pelo trabalho, não só que realizou, mas que continua realizando junto à crosta terrestre, em benefício dos aflitos:

Doutor Adolfo Bezerra de Menezes — **O Médico dos Pobres.**

Esse Espírito abnegado, há cem anos no plano espiritual, prossegue, incansável, distribuindo consolo e ajuda às almas aflitas, nos dois planos da Vida. Quando encarnado, fez do amor, da caridade, da abnegação e da renúncia exemplos para todas as gerações.

No dia 29 de agosto de 1831 o pequenino rincão cearense, Riacho do Sangue, acolhia uma alma de escol. Desde a infância já se preocupava com os estudos e dedicava-se à meditação.

Aos vinte anos, com auxílio de familiares e de amigos, viaja para o Rio de Janeiro onde se matricula na Faculdade de Medicina.

Vontade inquebrantável, honesto e digno, dedicou-se aos estudos, lecionando humanidades para manter-se. Jamais assumiu qualquer compromisso ou frequentou lugares que contrariassem a moral. O auxílio espiritual, de que sempre se fez merecedor, nunca lhe faltou, manifestando-se nas horas mais cruciantes. O jovem Bezerra venceu cinco anos de árduas dificuldades.

Com vinte e cinco anos Bezerra se doutora. Dois anos depois completa o sonho de sua vida. Contrai matrimônio com Maria Cândida de Lacerda. A felicidade o acompanhou por cinco anos. Pela esposa, luta, trabalha, ganha posição, sem nunca deixar de atender aos necessitados. A vida lhe sorri, dois filhinhos enriquecem os seus dias. Mas quão breves foram esses dias! A dor atinge esse Espírito resignado quando a esposa querida retorna ao plano espiritual.

Era preciso prosseguir. O trabalho era intenso, a miséria alheia batia constantemente à sua porta, ninguém se despedia sem auxílio, sem uma palavra amiga, sem o socorro imediato; carinhosamente foi cognominado **O Médico dos Pobres**. Constantemente era visto percorrendo o morro, os casebres levando aos seus habitantes o bálsamo da dor, apaziguando o sofrimento e a fome de muitas famílias.

Mais tarde, casa-se com a irmã de sua falecida esposa, Cândida Augusta de Lacerda, com quem tem mais sete filhinhos. Nove ao todo. Sua vida era dedicada à família, à Medicina e aos desfavorecidos da sorte. Muitas vezes se esquecia de si mesmo para viver Jesus. A maioria das consultas que fazia não era cobrada e, às vezes, tirava do próprio sustento para pagar os medicamentos de seus clientes.

Houve um período de tranquilidade econômica em sua vida quando exerceu o cargo de cirurgião-tenente no Corpo de Saúde do Exército.

Mas ao abraçar a política surgiu um impasse: ou o cargo no Exército ou a política; e para não decepcionar o seu povo escolheu a política.

Por vários anos ocupou a presidência da Câmara Municipal da Corte, e, como tal, orientou a administração da cidade, como um Prefeito dos tempos atuais.

Foi também deputado por dez anos, dedicando à vida política cerca de 24 anos.

Parlamentar atuante e digno, fez da política, não o trampolim de seus interesses, mas a estrada luminosa de auxílio ao povo, aos mais necessitados e à sua pátria, sempre exercendo a Medicina. Dizia ele: *“O médico verdadeiro não tem o direito de acabar a refeição, de escolher a hora, de inquirir se é longe ou perto.”*

A dor não escolhe sua vítima e como tal foi caluniado, insultado, injustiçado mas tudo suportou com paciência, coragem e resignação.

Certa feita um amigo presenteou-o com um livro diferente: “O Livro dos Espíritos”. Leu-o com avidez; ficou intrigado, era a primeira edição traduzida para o português, não conhecia o assunto, todavia, à medida que ia lendo percebia que todo o conteúdo do livro já era de seu conhecimento. *Sim, afirmava: “Parece que eu já era espírita de nascença.”*

No entanto, a sua entrada para a Doutrina Espírita deu-se como acontece com muitos dos espíritas, pelas portas da dor.

Um de seus filhos, *“moço de grande inteligência e coração bem formado”*, foi acometido de loucura, segundo os melhores médicos do Rio de Janeiro. Assim sendo, fora aconselhado a interná-lo em um manicômio devido aos riscos que representava em meio à família.

Dr. Bezerra narra em seu livro “A Loucura Sob Novo Prisma”:

“Foi ante a contingência de uma separação mais dolorosa do que a própria morte que resolvemos atender a um amigo que há muito nos instava para recorreremos ao Espiritismo.”

E assim, através de um médium, um Espírito consultado revelou-lhe: obsessão.

A partir de então, buscando a cura do filho querido, o “médico dos pobres”, que tanto se preocupara com a saúde física de seus doentes, passou a dedicar-se também à cura da alma de seus semelhantes:

“Apóstolo verdadeiro do Cristo deu-se por inteiro à causa do Espiritismo colocando a sua vida a serviço do Amor.”

O século XIX chega a seu termo; novas páginas aguardam registro dos acontecimentos do século nascente.

Uma multidão de assistidos aguarda em prece a desencarnação daquele que lhe deu tanto amor. 11 de abril, 1900, o Médico dos Pobres, após dias de agonia, despede-se das vestes carnavais.

Ao ser acordado no Plano Espiritual por Celina, a mensageira de Maria Santíssima, é visitado por amigos e trabalhadores das lides espíritas. Ouve então murmúrios vindos de fora. Amparado por Celina, é levado até a sacada:

“Vê uma multidão de Espíritos que lhe acenam com lágrimas nos olhos: — Quem são Celina? (...) Não conheço a ninguém. Quem são? — São aqueles a quem você consolou sem nunca perguntar-lhes o nome. São aqueles Espíritos atormentados que chegaram às sessões mediúnicas e as suas palavras caíram sobre eles como um bálsamo numa ferida em chaga viva; são os esquecidos da Terra, os destroçados do mundo. São eles que o vêm saudar no Pórtico da Eternidade.” ●

Eremitas Sociais

RICHARD SIMONETTI

Na Europa Medieval disseminou-se o movimento de superação do pecado com a renúncia ao convívio social.

Os eremitas (do grego eremia, deserto) escolhiam a solidão dos lugares ermos para cultivar os valores espirituais e vencer as tentações do mundo.

Há um problema em semelhante opção:

Ela contraria a natureza gregária do Homem.

Como está em “O Livro dos Espíritos”, somos seres eminentemente sociais, criados para conviver com semelhantes. Nosso próprio desenvolvimento intelectual, espiritual e moral depende desse contato.

O indivíduo que se isola perde o referencial sustentado pela convivência. Tende a um comportamento desajustado, marcado por manias e esquisitices. Isto quando não resvala decididamente para perigosas fantasias.

Muitos eremitas, isolados da comunidade, eram tomados por perturbações, dominados por estranhas idéias como a de que era preciso voltar à Natureza.

Para tanto, dispunham-se a pastar no campos, como se fossem muars, enquanto que outros flagelavam-se para dominar as tentações da carne.

Antão, que viveu nos séculos III e IV, um dos primeiros eremitas cristãos a fazer escola, houve por bem encerrar-se por quinze anos num túmulo abandonado, alimentando-se a pão e água trazidos por um devoto, a pretexto de intermináveis combates espirituais com supostos demônios.

Semelhantes iniciativas, que conduziam à beatificação no pretérito, hoje sinalizariam a internação em hospital psiquiátrico.



Na atualidade lidamos com outro tipo de eremitas, bem mais numerosos e problemáticos, compondo vasta parcela da população.

São aqueles que participam precariamente da vida social, apenas para satisfação de suas necessidades de subsistência, sem assumir compromissos e responsabilidades em favor de uma sociedade solidária, capaz de enfrentar e resolver os problemas que a afetam.

Podemos situar a pessoa que vive assim numa categoria especial:

Eremita urbano.

Alguém que se tranca numa caverna — seu lar.

Cerca-se de todo o conforto possível, como quem edifica um oásis solitário em pleno deserto das misérias humanas, totalmente alheio aos seus compromissos com a sociedade.

Embora apazível, trata-se de uma situação decididamente indesejável.

Os eremitas do passado, embora equivocados, buscavam Deus.

Os eremitas da atualidade reverenciam a Mamom, o deus pagão que representa os interesses materiais e as riquezas.

Buscam “resolver-se”. O resto que se dane.

Negando a sua condição de seres sociais, fechados em si mesmos, os ere-

mitas urbanos conseguem, não raro, seus propósitos.

Falta-lhes, todavia, o principal:

A paz — abençoado tempero da felicidade.

Impertinente intranqüilidade os incomoda, marcada por desajustes variados.

É natural.

Estão fora de ritmo, na sinfonia da Vida, distanciados das harmonias interiores que se sustentam, essencialmente, do empenho de servir.



É preciso deixar a ermida doméstica e buscar nossa integração na vida social, participando de movimentos de solidariedade que preludiam a sociedade do futuro.

Uma abençoada sociedade em que todos se disponham a servir, fazendo algo em favor do bem comum, conscientes de que quanto mais doarem suas horas, seu trabalho, seus recursos materiais, mais felizes e equilibrados serão, contribuindo para a edificação do Reino de Deus.

Nele, como ensinava Jesus, o maior será sempre aquele que mais disposto esteja a servir na vida social, furtando-se ao insulamento em eremitérios domésticos. ●

Preocupações

WASHINGTON BORGES DE SOUZA

Jesus, o Divino Mestre, é a imagem viva da perfeição e o responsável pela evolução da Terra e da Humanidade terrena. Seus desvelos, desde eras remotas, visam a nos encaminhar para a senda da luz a fim de podermos alcançar nosso destino em consonância com os desígnios de Deus.

Seus emissários foram enviados, em todos os tempos, ao solo do Planeta, para esclarecer os homens e ajudá-los a caminhar em direção do progresso. Ele mesmo veio até nós para indicar pessoalmente os rumos certos, embora entregasse Sua vida, ainda jovem, aos martírios da cruz. Seus ensinamentos permanecerão, para sempre, graças às verdades eternas que revelam. Jamais hesitou em doar a própria vida em benefício das criaturas sob Sua proteção. É, pois, o exemplo mais fiel de preocupação com o bem e a evolução da Humanidade.

O ser humano enreda-se sempre em suas preocupações. Raramente deparamos com alguém que não esteja envolvido por uma apreensão qualquer. Preocupar-se significa acolher uma idéia, prender a atenção, interessar-se por algo ou por alguém, etc. O vocábulo deixa transparecer o sentido da existência de algo anterior, antecedente, que merece cuidado.

Quando as pessoas conquistam bens e posições vantajosas, tornam-se, quase sempre, despreocupadas em relação aos semelhantes e passam a se ocupar com frivolidades. Ficam inúteis e somente mais tarde despertam com a chegada do sofrimento e do frio do ocaso de suas existências desperdiçadas, comprometidas e oneradas perante a contabilidade divina. Processos de resgates penosos são conseqüentemente reiniciados e necessários para que possam progredir. São resultados da insensatez e da insensibilidade com que lidam com o próximo. Os interesses essenciais, os da alma eterna, são ignorados ou relegados a plano secundário.

As preocupações justas ou infundadas, fúteis ou nobres, razoáveis ou não, estão sempre a povoar a mente humana, sendo, portanto, infalíveis craveiras de aferição do mérito da criatura. Direcionadas para a aquisição dos valores que definem a evolução, para as conquistas da bondade e da sabedoria, impulsionam a alma em direção do progresso. A mente humana deve buscar agir de acordo com as sublimes lições ministradas por Jesus e sintetizadas na Sua recomendação: “Amai-vos uns aos outros.”

Preocupações muitas vezes confundem-se com intenções, mas na realidade são manifestações distintas, por mais veladas que se achem no íntimo das pessoas. Enquanto a intenção denota a vontade dirigida para a execução de um ato determinado, a preocupação deixa clara a idéia de receio, de dúvida, de proteção etc.

Quanto maiores forem as responsabilidades das pessoas, proporcionais devem ser as preocupações correspondentes. Ocorre, entretanto, que nem sempre as pessoas investidas em funções de vulto respondem por seus encargos e cumprem seus deveres. É o que costumeiramente se verifica. Dirigentes de povos, nações e coletividades, muitas vezes não se importam com as conseqüências de suas ações causando danos aos subalternos. São levianos e negligenciam suas obrigações.

As preocupações são, via de regra, individuais ou coletivas. Dirigentes e dirigidos, às vezes, são solidários em atos e atitudes que resultam em prejuízos aos

outros. Não se incomodam com o mal que praticam, advindo daí os resgates coletivos correspondentes.

As preocupações são inerentes ao Espírito e é essa uma constatação que constitui mais uma prova irrecusável da existência da alma. Variam muito de conformidade com o adiantamento de cada individualidade, podendo, portanto, ser fundadas ou enganosas. As mais comuns estão relacionadas com a saúde e a subsistência. Outras refletem a ganância, a vaidade, o desejo de mando, do poder, etc. Visam às conquistas de ordem material. Outras são de natureza moral, afetiva, cultural ou dizem respeito à morte e ao futuro. Todavia, os maiores cuidados do ser humano deveriam voltar-se para a sobrevivência da alma, fazendo-a progredir, ajudando o semelhante, jamais ferindo-o, não amesquinhando-a com o egoísmo e o orgulho. Devem ser direcionados para as crianças, para ensinar-lhes, desde cedo, a amar. O ser humano tem a obrigação primária de amar a Deus, ao próximo e a si mesmo, fazendo-se instrumento do bem. Todos nós devemos nos preocupar menos com a morte do corpo físico e mais em viver em paz e harmonia com o próximo, porque, na verdade, nosso túmulo é a porta que se nos abre para a verdadeira vida.

O desejo e a busca de uma vida feliz são permanentes na criatura humana, embora muitas vezes imperceptíveis. Contudo, procuramos a felicidade onde não se acha, ou seja, nos bens perecíveis. Um dos meios de encontrá-la é precisamente nos contentarmos com o necessário. O interesse obstinado pelas coisas materiais é, às vezes, inconsciente como o é sempre o materialismo. A verdadeira felicidade não é passageira e somente é conseguida pela alma caridosa e iluminada com a conquista dos preciosos valores morais elevados.

Há pessoas presunçosas que pensam apenas nos bens que possuem, na sua beleza e aparência, em parentes ricos, em sua cultura soberba, no seu poder, etc. Entendem que isso é fonte de felicidade e mergulham nos prazeres transitórios da matéria. Mais tarde, quando suas almas despertarem no desenlace de seus corpos físicos, irão padecer o pranto amargo do arrependimento pelas oportunidades perdidas de servir e ajudar.

Há preocupações que ultrapassam fronteiras para envolver as criaturas em todos os quadrantes da Terra. Resultam do medo, independentemente de raças e nacionalidades, do perigo de conflitos atômicos, do alastramento do consumo e comércio de drogas nocivas, da proliferação de enfermidades incuráveis, da interferência das atividades do homem no equilíbrio da Natureza, etc. São receios porque colocam em risco a vida. Em síntese, é o medo da morte.

Os anseios e aspirações humanos, se volvessem para o futuro, para os reais interesses da criatura, para a imortalidade da alma, todos os receios, além de terem suas causas esclarecidas e até mesmo eliminadas, poderiam ser minorados. O progresso, sobretudo moral, proporciona venturas e encontra termo para as dificuldades. O grande mal da Humanidade terrena é a ignorância das leis divinas e as maiores aflições são conseqüências da infringência dos preceitos do amor e da fraternidade.

São fatos de alta significação ocorridos na Terra, desde o aparecimento do homem em seu solo, a vinda de Jesus e o advento do Espiritismo. A importância desse último fato pode ser posta em dúvida de boa ou má-fé ou simplesmente por ignorância de sua relevância nos destinos do homem, mas isso não atinge nem altera essa importância vital. A Doutrina Espírita é, na verdade, o prolongamento do Cristianismo do Cristo. Ambos se integram e se completam reciprocamente, constituem o Consolador. As palavras de Jesus não deixam qualquer dúvida a esse respeito: “E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique con-

vosco para sempre.” (João, 15:16.)

Essa majestosa Doutrina entregue à Humanidade esclarece que o ser humano é composto de corpo e alma unidos, molécula a molécula, a partir da concepção no ventre materno. O primeiro é perecível, o Espírito é imortal e deve passar por sucessivas reencarnações até chegar à perfeição, de conformidade com a vontade e as leis de Deus. O comando da criatura humana é exercido pela alma. Os valores morais situam-se no ser imortal, daí a razão de os ensinamentos cristãos-espíritas se dirigirem sempre a ele, à sua inteligência, ao seu raciocínio, ao seu sentimento, por ser a essência da pessoa e que sobrevive à morte física da matéria efêmera, onde habita temporariamente.

As preocupações devem levar

em conta, prioritariamente, em quaisquer circunstâncias, os interesses do ser eterno. Tais interesses fundamentais devem ser resguardados em todas as nossas ações com a observância dos postulados do amor, da fraternidade e do perdão, os quais constituem caminho certo e seguro para a conquista das virtudes e da felicidade. ●

De frente e de perfil

IAPONAN ALBUQUERQUE DA SILVA

A rua regurgitava e tínhamos que ir, quase aos esbarrões, abrindo caminho, naquela manhã quente de puro verão carioca. Aliás — porque não dizermos? —, essa azáfama, esse quase constante bulício, paisagem normal da vida nesta cidade, tem a magia de nos encantar, porque, se às vezes nos zangamos com tanta luta, a verdade é que, afastados deste cenário, sentimos saudades.

O ruído afeta os nervos, a intranqüilidade nos atinge, a luta cansa — tudo isto é verdade, mas também não é menos verdade que, no fundo, amamos esta vidinha carioca, com todos os seus percalços.

E assim foi que deparamos, num típico dia de verão, com empurrões nas calçadas e tudo o mais, com uma galeria expositiva de pintura e desenho. Mesmo estando com o horário apertado, vimo-nos tentado a contemplar, durante alguns minutos, aqueles quadros e desenhos.

Retratavam, com arte e beleza, os mais variados temas da vida, desde a humildade de um velho escravo ao encanto mudo de um interior de casa antiga; retratos, quadros, cores, motivações — tudo bem explorado por seus expositores.

Entretanto, lá no fundo do saguão, cercado de curiosos, um desenhista exímio trabalhava, pondo no papel o retrato a lápis de um cliente. Perto, uma plaqueta anunciava: “Retratos a lápis, de frente e de perfil, na mesma hora.” Adiante, a especificação dos preços: os de frente mais caros que os de perfil.

O artista, sentado, debuchava, seguro e rápido, o perfil de um jovem que para ele posava.

Aquela cena, um pouco mais tarde, fez-me meditar sobre nossa responsabilidade espiritual ante os nossos Mentores. Fossem eles — os nossos Mentores — artistas e desenhistas, como seríamos retratados? Despídos das máscaras terrenas, em se nos apresentando diante deles, em nossas vestiduras de Espíritos, como seríamos? Com que cores seríamos pintados?

Há um momento, cremos nós, em que teremos que nos mostrar qual somos, sem farsas ou disfarces, diante da Divina Justiça, e, nesse momento, de frente ou de perfil, não nos será possível fugir à nossa responsabilidade de trãnsfugas da Lei, se delitos tivermos cometido.

Oremos, vigiemos e trabalhemos, a fim de que, ao término da nossa trajetória terrena, possamos apresentar-nos placidamente ante a Excelsa Justiça Divina, e, com os nossos espíritos serenos, refletiremos, em nossos perfis de espíritas, a retidão do caminho percorrido e, de frente, poderemos encarar os seres angélicos, face a face. ●

A Palestra na Escola da Alma

WALDEHIR BEZERRA DE ALMEIDA

O Centro Espírita cumpre sua finalidade como “escola da alma” quando é norteado por um programa de educação espiritual, cujo conteúdo sejam as verdades do Evangelho do Mestre Jesus, clarificadas pela luz dos ensinamentos dos Espíritos Superiores. Programa esse que terá no seu bojo a intenção de esclarecer e consolar a todos que o procuram, sendo desenvolvido com metodologia própria e objetivos definidos e buscados na carência maior de seus alunos: o conhecimento da verdade espiritual para habilitá-los no aprimoramento da sociedade material, sem ser materialista. “O Centro Espírita é célula-máter da nova sociedade, porque nela se reúnem as almas que trabalham pelo progresso geral transformando-se numa escola, porque esta é uma das suas funções precípuas.”²

Todas as atividades realizadas em uma Casa Espírita são oportunidades de aprendizado para o progresso moral, e as almas que nela mourejam são aprendizes do Evangelho. Entre as diversas atividades, ressaltamos a palestra pública. Se a criança é sementeira que aguarda a sementeira a ser feita pelo evangelizador, o adulto é seara em produção, carecendo os seus frutos de trato doutrinário para defendê-los das investidas dos pensamentos materialistas. É na palestra pública que esse trato é oferecido a ele e servirá para renovar sua vida, levando-o à reformulação de conceitos, mudanças de atitude e, conseqüentemente, de comportamento, favorecendo a que dê início à difícil jornada para a tão desejada reforma íntima. Por essa razão o Centro Espírita deverá buscar expositores devidamente preparados e afinados com o tríplice aspecto do Espiritismo, para assumirem a sua tribuna. A causa é elevada e merece o esforço e a dedicação de quantos a ela se incorporam.

Diz Herculano Pires que “os serviços mais urgentes de cada centro são os da instrução doutrinária de velhos e novos adeptos, tanto uns como outros carentes de conhecimento doutrinário. Bem executado esse serviço [continua ele], todos os demais serão feitos com facilidade.”³

É na palestra pública que se concentra o maior número de adeptos do Espiritismo, na ânsia de receber a “instrução doutrinária”. Ciente da sua demanda e da solenidade espiritual com que se reveste a reunião pública, o responsável pela sua programação deverá realizá-la dentro de um planejamento didático e com sabedoria, para mais eficientemente divulgar às mentes e comunicar aos corações o inesgotável manancial de conhecimentos e consolações que dormita na Codificação. Urge, portanto, resgatar esses conhecimentos e inseri-los em uma palestra educativa, fortalecendo o caráter de quantos a ouvem, habilitando-os a se livrarem da imensa rede de informações deletérias que os envolve. Rede essa tecida com as multifárias correntes de pensamento e com novas descobertas científicas, que insinuam mudanças na forma de pensar e de agir de todos nós no sentido da negação das verdades espirituais e do pessimismo.

Faz-se mister o estudo contextualizado e comparativo da Doutrina Espírita com o avanço das modernas Filosofias, Ciências e Tecnologias nos Centros Espíritas, orientando os seus freqüentadores e trabalhadores em como conviverem com tantas informações sem perder o rumo em direção ao Cristo. “Estudai todos os temas da humanidade e ajustai-vos ao progresso cujo carro prossegue em marcha irreversível”, alerta-nos o venerável Bezerra de Menezes, esclarecendo que deve-

mos vincular o estudo da Doutrina ao contexto em que vivemos, para melhor compreendê-lo e administrá-lo.⁴

É com base no conceito construído pelos Espíritos Superiores de que o Centro Espírita é, antes de tudo, a escola da alma, que entendemos deva ele estabelecer um programa de educação no qual cada uma das suas atividades seja devidamente planejada, com objetivos definidos. A palestra pública deve constar desse programa como sendo uma aula solene, não só pelo fato de ser pública, quando estão presentes os “velhos e novos adeptos”, mas por que nela estão também os que farão juízo de valores sobre a Terceira Revelação, partindo do que lhes é oferecido em nome dela...

A instituição espírita tem o dever de apresentar a Doutrina aos seus frequentadores como uma verdade dinâmica e não estática. Espiritismo não é uma notícia, algo que já aconteceu e nada tem a ver com a nossa vida atual. Se ofertada como notícia, estará fadada a alimentar conversações e, se muito, servir de motivo para elucubrações filosóficas, sendo, em seguida, arquivada e esquecida na biblioteca mental de cada um de nós. Como revelação dinâmica será instrumento para a reconstrução de nossas vidas, pois atenderá a todas as nossas necessidades espirituais e dará diretrizes para a solução dos problemas materiais do cotidiano.

O Centro Espírita como escola deve preparar as pessoas para “esta” e para a “outra” vida. Para esta, no sentido de torná-las aptas a reconstruir-se e construir uma sociedade humanizada e dedicada às leis divinas; para a outra, no sentido de oferecer-lhes a consciência transcendental da imortalidade que torna as diversas vidas uma só, regida pela lei de ação e reação. ●

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. XAVIER, Francisco Cândido. Estude e Viva, pelo Espírito Emmanuel. 6. ed. FEB, p. 17.
2. FRANCO, Divaldo Pereira. Diálogo com Dirigentes e Trabalhadores Espíritas, 2. ed. USE, 1993, São Paulo, p. 23.
3. PIRES, Herculano. O Centro Espírita, 2. ed. LAKE, São Paulo, 1987, p. 13.
4. AUTORES DIVERSOS/USE — Direção de Órgãos de Unificação, São Paulo, 1993, pág. 51.

A Insensatez da Vingança

MAURO PAIVA FONSECA

O objetivo da existência é a busca incessante da felicidade e da paz, com as quais, progride a criatura rumo à perfeição; por isso, a Vontade Divina, conforme nossas necessidades de progresso, situa-nos, ao reencarnarmos, em ambientes onde, ao contato com as imperfeições, fraquezas e violência dos que nos cercam, somos compelidos ao exercício de valores morais como a tolerância, a resignação, a paciência, a indulgência e o perdão, com que faremos crescer nosso acervo de expressão espiritual, objetivando o cumprimento dos impositivos da Lei do Progresso. Assim, gradualmente, de estágio em estágio, estaremos nos escoimando das deficiências que ainda maculam, obstando o advento das almejadas felicidade e paz, a nós destinadas pelo Criador e anunciadas pelo Divino Mestre.

Os parâmetros para avaliação das necessidades de cada um são obtidos com base nas vivências passadas, e nas necessidades futuras. Há, assim, um fator determinante para os resgates indispensáveis. Por essa razão, a condição primeira para que soframos é estarmos comprometidos com a Justiça Divina.

A gama de sofrimentos é vastíssima! Será que eles correspondem apenas aos erros praticados? Obviamente que não! Há sofrimentos necessários à sedimentação em nossa estrutura espiritual intrínseca, dos elevados atributos morais do Espírito. São sofrimentos, não por necessidade de resgate, mas para caldearem, na fornalha abrasadora das aflições e angústias, os sentimentos decorrentes do amor que dedicamos aos outros, como o amor paternal, o conjugal, o filial e o fraternal generalizado, ensinando-nos a aceitar sem revolta, sem lamentação ou impaciência os travos das dores morais deles decorrentes. São indispensáveis ao progresso, porque, qual vacina imunizadora, acabam por nos tornar inatingíveis aos seus danosos efeitos.

Conforme leis que nos governam, os sofrimentos-resgates poderão originar-se de acontecimentos fortuitos, quando o agente seja desconhecido, ou através do aproveitamento dos potenciais de inferioridade que ainda sejam atributos dos semelhantes à nossa volta, utilizados, neste caso, como agentes, instrumentos da justiça para que ela se cumpra.

O convívio com criaturas e sistemas imperfeitos, capazes de nos infligirem os mais variados constrangimentos, cerceamentos, limitações, vicissitudes e agressões, tem como objetivo incorporarmos em definitivo, ao acervo dos valores que nos sejam próprios, os elevados atributos morais da alma.

Se considerarmos que “a cada um conforme suas obras”, do que decorre ser “a sementeira livre, mas a colheita obrigatória”, concluiremos que, de qualquer modo, a necessidade de resgate pela falta cometida será inevitável, independentemente de como ele ocorrerá, não tendo qualquer sentido o revide, o desforço, a vingança, pois, na verdade, aquele que nos penaliza é, embora sem o desejar, mau grado nosso, auxiliar do nosso progresso! A causa do sofrimento é, pois, não a vontade do agressor, mas a necessidade de resgate, registrada na nossa natureza íntima perispiritual, e que, pela sintonia estabelecida, faz-nos vulneráveis a eles. Assim, somos nós que, pela condição moral que nos é peculiar, atraímos os acontecimentos funestos. Deste modo, que sentido terá a vingança?

É evidente que quem nos feriu cometeu um erro, pelo qual responderá inevitavelmente diante da Divina Lei, porque somente a ela cabe distribuir justiça com

absoluta perfeição. Se, entretanto, procuramos estabelecer a cobrança por conta própria, na realidade não estaremos fazendo justiça, mas promovendo vingança! Uma vingança insensata e inútil, porque nenhum benefício trará ao nosso progresso, e que, uma vez consumada, terá satisfeito apenas à nossa inconformação diante dos desconhecidos motivos do nosso infortúnio.

Como nos ensina o Evangelho de Jesus, “não paga o justo pelo pecador”. Colhermos apenas a sementeira do presente, e do passado remoto, pois a reciprocidade é um fato inegável, e à natureza e à gravidade da falta corresponderão, inevitavelmente, a natureza e intensidade do sofrimento.

Se sofrermos com resignação, o débito terá sido resgatado e proveitosa será aquela oportunidade redentora; ter-nos-emos libertado de um gravame a pesar-nos na economia espiritual. Se, ao contrário, revidarmos o mal recebido, além de havermos perdido a oportunidade, teremos dado uma inequívoca demonstração de nossa inferioridade moral, igualando-nos ao agressor!

Paremos para pensar: em que a vingança nos beneficia? Ela nos fará mais sábios? Mais belos? Mais serenos? Certamente não; mas mostrará inequivocamente a mesquinhez de nossa alma. Por isso, instruindo o apóstolo, o Mestre ensinava: “Perdoarás não sete vezes, mas setenta vezes sete vezes” ●

Incertezas

HERNANI T. SANT'ANNA

Você me diz, em sua bela carta, que a vida é feita de incertezas, que mistério não é apenas o futuro, o dia de amanhã, o momento seguinte. Que é também o hoje, o agora, o instante que vivemos. Argumenta que não sabemos o que está acontecendo neste exato minuto, nem no mundo, nem nos outros, nem em nós. Assevera que até mesmo o passado é misterioso em muitos sentidos e em muitas coisas. Afirma que bem pouco, e às vezes quase nada é o que chegamos a saber do que aconteceu, quando foi, por que foi, como foi, para que foi. Lembra que mal enxergamos, quando muito, a superfície das coisas mais próximas de nós, a aparência mais evidente das pessoas que nos cercam. E que, mesmo assim, as aparências enganam, e os nossos julgamentos freqüentemente naufragam num vasto oceano de erros. E conclui, por conseguinte, que vivemos no desconhecido, e que o conhecimento da verdade é simplesmente impossível. Pergunta, então: — “Será por isso que se diz que tudo é relativo? Existe o absoluto?” E responde que voltamos, desse modo, ao imprevisível, mas não somente ao imprevisível, senão também ao incognoscível, ao que não se pode saber, ao que talvez nunca se revele ao nosso conhecimento. E arremata dizendo que nasce daí a nossa insegurança, a aflita interrogação com que enfrentamos o presente, contemplamos o passado e procuramos adivinhar o futuro. Ressalva, porém, que sem essa imensa insegurança, o que seria de nós? Como choraríamos nossas lágrimas, riríamos nossos risos e plantaríamos nossas esperanças, se tudo fosse para nós um mundo de certezas? Como poderíamos viver?

Acontece, querido amigo, que as nossas incertezas nascem mesmo é da nossa reconhecida ignorância, da estulta pretensão de quereremos que a nossa limitada capacidade de compreensão abranja, analise e desvende, como num passe de mágica, todos os mistérios da vida e do Universo, como se fôssemos deuses.

Você parece esquecer a enorme lentidão com que a nossa Humanidade sempre evoluiu, gastando longuíssimos milênios para conseguir acender o primeiro fogo e modelar a primeira roda.

Mesmo agora, no esplendor desta era de maravilhas eletrônicas, seguimos muito longe de conhecer e dominar integralmente a nós mesmos, desde nossos mistérios cerebrais até os meandros do nosso psiquismo.

Perdoe-me, caro amigo, mas acho sinceramente que você anda cultivando, talvez a contragosto, um inútil punhado de incertezas. É claro que, na humildade da nossa atual condição evolutiva, ignoramos multidões de coisas, mas temos certezas fundamentais para estruturar nossa conduta.

Já nos reconhecemos filhos de Deus em crescimento, estamos conscientes de que sempre colheremos aquilo que plantamos, que jamais deixaremos de evoluir, e que a meta final da evolução é a felicidade imperecível que fizemos por merecer.

Sabemos também que a sabedoria divina faz com que a própria vida nos ensine a viver, colocando-nos sempre onde melhor nos convém, levando-nos naturalmente a fazer o que devemos e dirigindo-nos os passos para os caminhos corretos que nos incumbe trilhar. Basta-nos atender aos seus comandos claros e naturais para alcançarmos a nossa cota possível de ventura e de paz.

É claro que na grande escola do mundo teremos sempre lições a aprender, provas a superar e ajustamentos a cumprir. Mas nunca estaremos desamparados da carinhosa proteção dos guias tutelares que desveladamente nos inspiram e inclinam para o bem. Vale, porém, termos em conta o nosso livre-arbítrio, nossa faculdade de escolher as próprias opções, nosso direito sagrado de errar, complicando voluntariamente nossa vida e assumindo responsabilidades novas e por vezes pesadas, para futuros e dolorosos reajustamentos.

Referiu-se você ao conhecimento da verdade, que classificou de impossível. Estamos naturalmente muito longe da sabedoria e do poder dos seres superiores que pontificam nos cimos da evolução, mas isso não impede a nossa insensatez de viver colecionando fantasias das mais perigosas ilusões.

O princípio do mérito impõe a liberdade consciencial, pois assim como não há infernos compulsórios, inexistem igualmente paraísos de favor.

Mesmo, porém, quando somos forçados, pela justiça divina, a quitar pesadas contas de algum passado infeliz, não sofremos sozinhos as asperezas dos resgates, sem a ajuda silenciosa e confortante de superiores espirituais, abnegados e amigos.

Lembro-me de certa noite agoniada em que meu coração parecia saltar do peito oprimido. Soluçava em seco, na aflição de um desespero mudo, quando o amoroso Espírito Ornellas aproximou-se, paternal, e ditou-me este soneto:

*Por Deus, ó filho meu, não mais sufoques, tenso,
essa angústia cruel que oprime e desalenta!
Deixa a dor explodir no pranto que arrebenta,
forte, renovador, aberto, amargo, intenso!
Também a Natureza verte pranto denso,
na trovejante dor que grita na tormenta...
Depois chora, a chover... E quando se acalenta
abre de novo ao Sol o seio nobre e imenso!
Chora também, meu filho! Chora um pranto quente,
que seja puro, amargo, soluçante, ardente,
sem ódio de ninguém, sem sombra de rancor.
Depois, de olhar enxuto e já calado o grito,
verás que o Pai do Céu te manda, do Infinito,
um ósculo de paz, em vibrações de amor!*

Acontecem com todos nós coisas assim, quando no auge da inquietação uma branda aragem invisível parece envolver-nos como abençoado orvalho de alívio e consolação. É como se celeste amor nos visitasse através de anjos benfazejos, para lembrar-nos que a paternidade divina jamais nos abandona.

Vamos aprendendo, dessa forma, a superar inquietações e inseguranças, conscientes de que sempre amanhece um novo dia, e os mais ríspidos invernos acabam sempre por abrir-se em novas primaveras. ●

Esflorando o Evangelho - EMMANUEL

Ninguém se Retira

“Respondeu-lhe Simão Pedro: Senhor, para quem iremos nós? Tu tens as palavras da vida eterna.” — (JOÃO, 6:68.)

À medida que o Mestre revelava novas características de sua doutrina de amor, os seguidores, então numerosos, penetravam mais vastos círculos no domínio da responsabilidade. Muitos deles, em razão disso, receosos do dever que lhes caberia, afastaram-se, discretos, do cenáculo acolhedor de Cafarnaum.

O Cristo, entretanto, consciente das obrigações de ordem divina, longe de violar os princípios da liberdade, reuniu a pequena assembléia que restava e interrogou aos discípulos:

— Também vós quereis retirar-vos?

Foi nessa circunstância que Pedro emitiu a resposta sábia, para sempre gravada no edifício cristão.

Realmente, quem começa o serviço de espiritualidade superior com Jesus jamais sentirá emoções idênticas, a distância dEle. A sublime experiência, por vezes, pode ser interrompida, mas nunca aniquilada. Compelido em várias ocasiões por impositivos da zona física, o companheiro do Evangelho sofrerá acidentes espirituais submetendo-se a ligeiro estacionamento, contudo, não perderá definitivamente o caminho.

Quem comunga efetivamente no banquete da revelação cristã, em tempo algum olvidará o Mestre amoroso que lhe endereçou o convite.

Por este motivo, Simão Pedro perguntou com muita propriedade:

— Senhor, para quem iremos nós?

É que o mundo permanece repleto de filósofos, cientistas e reformadores de toda espécie, sem dúvida respeitáveis pelas concepções humanas avançadas de que se fazem pregoeiros; na maioria das situações, todavia, não passam de meros expositores de palavras transitórias, com reflexos em experiências efêmeras. Cristo, porém, é o Salvador das almas e o Mestre dos corações e, com Ele, encontramos os roteiros da vida eterna. ●

(Do livro "Pão Nosso", psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier, capítulo 151, p. 313-314, 18. ed. FEB.)

A Codificação do Espiritismo

GIL RESTANI DE ANDRADE

Não poucos são os espíritas que desconhecem o sentido da palavra “Codificação” e porque o mestre Allan Kardec é chamado de “Codificador” do Espiritismo.

O que muitos conhecem, por estar explícito na Introdução de “O Livro dos Espíritos”, é a origem do verbete “Espiritismo”, um neologismo criado por Allan Kardec para intitular a nova Doutrina, evitando ambigüidade com as palavras Espiritual e Espiritualismo, que têm significado próprio. Todo aquele que crê em vida após a morte é Espiritualista; contudo, nem todo Espiritualista é Espírita.

O Espiritismo é um corpo de doutrina que demonstra a relação existente entre os seres encarnados — a Humanidade — e os desencarnados — Espíritos — aqueles que já animaram um corpo carnal.

Doutrina é um conjunto de princípios que servem de base a um sistema religioso, político ou filosófico, científico, etc., segundo o dicionário “Aurélio”. Já o Dicionário Enciclopédico Brasileiro, de Álvaro Magalhães, define Doutrina como “o complexo dos ensinamentos de uma escola filosófica, científica ou religiosa”.

Allan Kardec apõe, no frontispício de “O Livro dos Espíritos”, antecedendo o título da obra, a expressão “Filosofia Espiritualista”, afirmando, ainda na Introdução, que a força do Espiritismo está na sua filosofia. Intuído, afirma ainda: “Como especialidade, O Livro dos Espíritos contém a doutrina espírita; como generalidade, prende-se à doutrina espiritualista, uma de cujas fases apresenta.” E completa: a) “Ninguém, pois, se iluda: o estudo do Espiritismo é imenso; interessa a todas as questões da Metafísica e da ordem social, é um mundo que se abre diante de nós.” b) “(...) o estudo de uma doutrina, qual a Doutrina Espírita, que nos lança de súbito numa ordem de coisas tão nova quão grande, só pode ser feito com utilidade por homens sérios, perseverantes, livres de prevenções e animados de firme e sincera vontade de chegar a um resultado.” (...) c) “(...) a Doutrina dos Espíritos não é de concepção humana (...). É dos Espíritos, que demonstraram, de modo cabal, que têm individualidade e independência absolutas.” d) “A verdadeira Doutrina Espírita está no ensino que os Espíritos deram, e os conhecimentos que esse ensino comporta são por demais profundos e extensos para serem adquiridos de qualquer modo, que não por um estudo perseverante, feito no silêncio e no recolhimento.” (...) e) “Uma só garantia séria existe para o ensino dos Espíritos — a concordância que haja entre as revelações que eles façam espontaneamente, servindo-se de grande número de médiuns estranhos uns aos outros e em vários lugares.”

No item VI da Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita de “O Livro dos Espíritos” acha-se o “Conjunto de Princípios” ou o “Complexo de Ensinamentos” — os preceitos e as regras, que estavam esparsos e que viriam a ser compilados, sistematizados, organizados, por Allan Kardec, através das obras fundamentais da Doutrina: “O Livro dos Espíritos”, que estabelece a base filosófica; “O Livro dos Médiuns”, que atende ao aspecto científico; “O Evangelho segundo o Espiritismo”, que fundamenta a base moral de conseqüências religiosas; “O Céu e o Inferno”, que estabelece os verdadeiros parâmetros da vida futura; “A Gênese”, que explica o caráter da revelação espírita.

Allan Kardec é, assim, o legítimo Codificador da Doutrina dos Espíritos ou do Espiritismo. A fim de não pairar qualquer dúvida sobre a afirmativa, vejamos o si-

gnificado das palavras: Código, Codificação e Codificador.

Em tudo o que fazemos na vida precisamos de disciplina e ordem, sem o que tudo seria confusão, anarquia e violência; inexisteriam o respeito e a compreensão, fundamentos básicos do progresso e da organização social. Destes fundamentos surgira o senso comum da Justiça, consubstanciado no Direito.

A Codificação do Direito consiste na sistematização de leis, de normas e preceitos, por ter o corpo de seus princípios condição de ser disciplinado, sob uma legislação única, ao invés de disperso em leis diversificadas.

A Codificação do Espiritismo sistematizou as leis e os princípios que estavam dispersos, sob entendimentos variados. Princípio, segundo a Filosofia, “é aquilo de onde algo provém, a que se dá o nome de causa”.

Código significa, em geral, um corpo de leis que contenha todas ou a maior parte das normas jurídicas que disciplinem determinada matéria, sistematicamente disposto num todo orgânico, de modo a simplificar-lhe a procura e facilitar-lhe a interpretação. Os Códigos, com freqüência, sofrem modificações, sendo revisados, reexaminados, em razão do progresso e da alteração dos costumes e formas de vida.

A Doutrina Espírita, passados mais de cento e quarenta anos de sua Codificação, tempo em que a Humanidade progrediu mais que nos 1.000 anos precedentes, em ciência e tecnologia, em civilização, enfim, continua inalterada. É preciso lembrar que, em 1857, quando do lançamento da primeira edição de “O Livro dos Espíritos”, não existia, por exemplo, a energia elétrica, com todos os benefícios dela decorrentes: luz artificial, comunicação por rádio, televisão, telex e fax; a fantástica capacidade múltipla dos computadores; não existiam os telefones e os transportes rápidos, uma vez que ainda não haviam surgido o automóvel, os navios a vapor, os aviões. Quem sonharia, à época, que o homem viria a pôr os seus pés na Lua?; que enviaria uma sonda ao espaço infinito, capaz de ultrapassar a dimensão do Sistema Solar?

Com tudo isso, os princípios fundamentais da Doutrina Espírita continuam intocados, apesar de sua abordagem bem ampla: Deus; a Criação do Universo, da Terra e da Humanidade; o Mundo Espírita e o Mundo Corporal; o Corpo e a Alma; a Reencarnação; a Pluralidade dos Mundos Habitados; as relações dos Espíritos com os homens; Jesus, como o Guia e Modelo, para que um Espírito possa evoluir, nas suas diversas categorias.

Gustave Le Bon, no livro “A Evolução da Matéria”, afirma: “Toda doutrina nova passa por três fases: a) atacam-na, declarando-a absurda; b) admitem ser verdadeira, mas insignificante; c) reconhecem, finalmente, sua verdadeira importância e seus adversários reclamam a honra de tê-la descoberto. “É perfeitamente compreensível, assim, que o Espiritismo, como uma grande revelação, seja mal compreendido e atacado pela intolerância do sectarismo e do fanatismo, assim como pela Ciência, que tem receio de suas afirmativas; que, apesar do crescimento e do avanço do Espiritismo no País, ocorram agressões e afirmem-se inverdades contra ele, buscando confundi-lo com crenças sincretistas e até com o Ocultismo e a Cabala.

A Codificação Kardequiana “é a coletânea de leis e princípios sobre as coisas da alma”. São leis, na Codificação Espírita: a existência de Deus, a Justiça Divina e a Reencarnação. São princípios: o de Causa e Efeito; o do Livre-Arbitrio e o da Criação dos Espíritos.

A solidez monolítica da Doutrina resulta da sistematização lógica e racional

desses e de outros assuntos, além da origem, uma vez que todos eles foram tratados pela Espiritualidade Superior. Este é o motivo do cognome Codificador, atribuído a Allan Kardec.

As chamadas Obras Básicas contêm, de forma ordenada, sob orientação da própria Espiritualidade Maior, o conteúdo da Doutrina Espírita: “O Livro dos Espíritos” aborda a Natureza e o Ser, e contém a parte filosófica; “O Livro dos Médiuns” está centrado no aspecto científico e no estudo da fenomenologia; “O Evangelho segundo o Espiritismo” contém o aspecto moral dos ensinamentos de Jesus, orientador do comportamento do homem que vise ao seu aprimoramento como Espírito encarnado; “O Céu e o Inferno” cuida da Justiça Divina e do Código Penal da Vida Futura; “A Gênese” estuda a criação do Planeta, a evolução dos seres humanos, e analisa os milagres e as predições de Jesus, em consonância com as Leis Naturais.

As Obras Básicas, mais as Subsidiárias, do mestre Allan Kardec — “O Que é o Espiritismo”; “O Espiritismo em sua Mais Simples Expressão”; “Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas”; “Viagem Espírita em 1862”; “Obras Póstumas” e “Revista Espírita”, esta última, repositório de comentários esclarecedores sobre a Doutrina — constituem-se, indubitavelmente, num Código Superior, que já ultrapassa 140 anos de existência sem qualquer alteração introduzida em sua estrutura e em seus princípios.

Alguns Códigos são muito conhecidos, historicamente: o de Hamurabi (2200 a.C.) — Babilônia; o de Manu (1800 a.C.) — Índia; o Pentateuco, de Moisés (1300 a.C.) — Judéia; o Zend-Avesta, de Zaratustra (1000 a.C.) — Pérsia; o Codex Justiniano (529 d.C.) — Roma; o Alcorão, de Maomé (625 d.C.).

Na legislação brasileira temos: o Código Comercial (1850); o Código Civil (1919); o Código Penal (1940); o Código de Águas, o Código de Processo Civil, o Código do Ar, o Código de Minas, o Código Florestal e o Código de Justiça Militar. Praticamente todos os nossos códigos sofreram modificações e alterações, mais ou menos substanciais. Afinal, são leis humanas. Tal não ocorre com o Código Espírita, que continua atualizado e vigente. Apesar disso, Allan Kardec afirma: “(...) se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto.” (“A Gênese”, I:55.) Em verdade, entretanto, o que se vê, em nossa época de tecnologia surpreendente, é a Ciência caminhando em direção às afirmativas dos Espíritos Superiores.

A Codificação Espírita, através de suas obras básicas, subsidiárias e complementares, estas últimas compreendendo os trabalhos de Léon Denis, Gabriel Delanne, Camille Flammarion, Ernesto Bozzano, Oliver Lodge, Gustave Geley e outros, bem como as de autoria de brasileiros da estatura de um Carlos Imbassahy, um Leopoldo Machado, um J. Herculano Pires, um Cairbar Schutel, ou psicografadas por médiuns como Francisco Cândido Xavier, Yvonne do Amaral Pereira, Zilda Gama, Divaldo Pereira Franco e tantos outros, contém e comentam as leis e princípios doutrinários, as normas de ação e de comportamento, na busca do aprimoramento e da ascensão do Espírito; comprova a sobrevivência do Ser, estuda a Justiça Perfeita de Deus, a lógica da evolução do Espírito pelas vidas sucessivas; as causas das dores, das aflições, impelindo as criaturas a lutarem e a sofrerem, sem revolta, por saberem a razão de suas lutas e sofrimentos, das diferenças da sorte.

O Espiritismo, como Doutrina Codificada, é um fecho de luz na escuridão de nossas vidas, luz redentora que conduz à compreensão, ao consolo, à fé raciocinada, que traz consigo a alegria do bem viver, na busca do aprimoramento incessante.

Allan Kardec, o Missionário, o Codificador, deixou-nos um Código granítico, incólume, elaborado com a grandeza de seu Espírito eivado de tolerância, resignação e disposição para o trabalho.

Venceu empecos de toda ordem, suplantou obstáculos e incompreensões para legar-nos esse patrimônio inestimável que é o Espiritismo.

A Codificação Espírita é o alimento do íntimo e da personalidade dos que tiveram ou que venham a ter a ventura de conhecê-lo; é o paradigma acatado pela razão e não imposto, que o Espírito assimila, após vidas sucessivas. Estimula aqueles que se aprofundam nos seus ensinamentos, princípios e valores, à prática do Bem e do Amor ao próximo, do Perdão ao inimigo, da Beneficência e da Caridade.

É Código de Luz, emanado da luminescência incomparável dos Espíritos Superiores, sob a superlativa supervisão do Espírito de Verdade. Nós oramos ao Pai, em agradecimento, por termos tido a ventura de conhecê-lo e, dessa forma, estarmos capacitados a bem aproveitar a presente reencarnação. •

A FEB e o Esperanto

A Missão do Esperanto no Terceiro Milênio

No crepúsculo deste século e milênio, as dores se acumulam sobre o dorso da Humanidade sofrida, chibateando as vidas que se estiolam, ao tempo que sucumbem os nobres ideais de dignificação e de liberdade.

Desastres inomináveis e cataclismos horrendos sucedem-se, desarvorando nações e ceifando esperanças que são substituídas pela loucura que varre o planeta em todas as direções.

A tirania absurda e os crimes hediondos cavalgam sobre a sociedade, conduzindo ao aniquilamento cidades e povos, que estertoram sob o despotismo insano dos vândalos que se permitem a dominação arbitrária.

A corrupção desmedida nivela os governos, que se deveriam caracterizar pela dignidade, aos criminosos que fingem combater.

A volúpia pelo poder, pelo armazenar de valores transitórios que passam de mãos, envilece os sentimentos humanos e as paixões inferiores desbordam em caudal desenfreado.

Os elevados contributos do progresso, que deveriam ser utilizados para a glorificação do ser humano, são aplicados para a extravagância de alguns indivíduos torpes e a exorbitância de outros, ante o olhar esgazeado dos miseráveis que os espiam famélicos e enfermos, esquecidos em inominável abandono.

A insensatez e o descalabro erguem seus monumentos à infâmia, enquanto as massas rebolem nos sorvedouros das necessidades mais prementes, sem oportunidade de conseguirem alguma coisa.

Em toda parte da Terra, a perversão abraça a indiferença das Leis, as guerras e carnificinas cruéis campeiam desarvoradas e as tentativas de paz, mediante acordos sucessivos, que são logo desrespeitados, abrem espaço para novos terríveis conflitos.

Ameaças de destruição do planeta pairam em todo lugar sob o clamor da violência asselvajada e dos expressivos grupos de extermínio de pessoas, sob os camartelos da ignorância e da ausência de amor.

O século da ciência e da tecnologia com todas as suas glórias e conquistas incomparáveis infelizmente sombreia-se com nuvens espessas de fumo e de poeira dos incêndios de ódios e das destruições de toda ordem.

As grandiosas realizações da cultura e da civilização parecem ceder lugar ao galopar desenfreado da barbárie de volta e ao aplauso do cinismo...

Não obstante, simultaneamente, estuam o dever e a solidariedade, o sacrifício e a abnegação, a educação e o amor, o desenvolvimento ético-moral e a esperança, porque o ser humano marcha inexoravelmente no rumo da Grande Luz.

Os ideais da Liberdade, da Fraternidade e da Igualdade permanecem triunfantes, embora pouco conhecidos, aguardando o momento de transformarem para

melhor a sociedade terrestre, que avança na busca da felicidade.

Lentamente, os direitos humanos são reanalisados e levados em consideração por homens, mulheres e Organizações internacionais que confiam no processo da evolução moral dos seres, exigindo respeito, em infatigável esforço para banirem a intolerância, os preconceitos mesquinhos e o totalitarismo, como quer que se apresentem.

O sol da Nova Era surge na imensa noite, conforme previsto por Jesus-Cristo, que ora se legitima.

O Evangelho, que não foi vivido na sua pureza primitiva por aqueles que se comprometeram apresentá-lo à Humanidade através dos tempos, face à astúcia e ao primarismo de que eram portadores, que exploraram a credulidade e a ignorância, poderia ter evitado a hecatombe que ora se abate sobre o mundo, após os séculos de silêncio e da morte dos heróis sacrificados. Mas ressurge na mensagem do Espiritismo, que o atualiza, conforme o pensamento científico do momento, preparando o advento da nova sociedade.

Fincando suas bases na investigação dos fatos, o Espiritismo libera a Boa Nova das peias dogmáticas e das influências medievais que ainda remanescem nas igrejas que se propõem divulgá-la, interpretando-lhe o conteúdo incomparável de forma consentânea com as conquistas hodiernas, para oferecê-lo às criaturas como diretriz de segurança e de felicidade.

O século, porém, de Allan Kardec, também viu nascer Zamenhof, que deveria contribuir para a derrubada das fronteiras lingüísticas, que tanto separam os seres humanos e os afligem, limando as diferenças internacionais e facultando mais seguro intercâmbio de pensamento e de valores ideológicos entre todos os homens sob a dadivosa misericórdia do Pai Criador.

Acompanhando as tragédias resultantes dos conflitos lingüísticos e raciais, na sua Bialystok natal, sofrida e necessitada, sentiu, no mais profundo do ser, o imperioso dever de modificar a situação insuportável que predominava então, mergulhando o pensamento na memória profunda onde se encontrava arquivada a língua internacional — Esperanto — que conhecera no Mais Além e, trabalhando, sem cansaço, em 1887 apresentou-a como sendo um sublime elo para a união de todos os povos, de todas as classes sociais, de todas as pessoas do mundo.

A trilogia abençoada, em forma de um triângulo equilátero: EEE — Evangelho, Espiritismo e Esperanto — encerraria a mensagem de Jesus, simples e inconfundível, a Doutrina dos Espíritos, profunda e clara, e o idioma da fraternidade, para unir todos os seres humanos em uma só família.

Língua neutra, que respeita o idioma de cada Nação, é o traço de perfeita identificação entre os mais diversos, favorecendo mentes e corações com harmonia e compreensão lúcida, desse modo ampliando os horizontes da cultura e do amor entre os povos.

Anunciando-se o novo Milênio entre as sombras que já começam a esborçar-se, o Esperanto permanece com a missão de unir os homens fraternalmente, graças à facilidade da comunicação que oferece, à sua simplicidade gramatical, exatamente quando o Evangelho, lenindo as dores gerais, prepará-los-á para os avanços que o Espiritismo oferece na conquista do Infinito.

Atingindo as culminâncias do progresso científico-tecnológico neste esfumar de século, esse que se avizinha irradiará arte e beleza sobre a Terra renovada e feliz, quando o Esperanto, vencendo a tenaz resistência dos povos ambiciosos e

apaixonados, assim como das Nações que não alteram o orgulhoso sonho da prepotência em relação às outras, abrir * lugar à vigência da língua internacional, que flui do Céu na direção da Terra e se elevará do mundo em canto incomparável de encantamento no rumo do Infinito. ●

* Vocábulo substituído, com aquiescência da Direção do SEI. (N.R.)

ISMAEL GOMES BRAGA

(Página psicografada por Divaldo Pereira Franco, na reunião mediúnica de 8 de setembro de 1999, no Centro Espírita Caminho da Redenção, em Salvador, BA. Transcrito do SEI, de 8-10-99.)

Se Há Tanta Paz...

LUNA FERNANDES

Se há tanta paz no azul que o céu abriga,
E há tanto azul que tanto bem nos faz,
Se há tanto azul e há tanto céu, me diga
Por que é que o homem não encontra a paz?
Se há tanta paz no verde-mar da onda
Que faz-se verde e em branco se desfaz,
Se há tanta onda pelo mar, responda:
Por que é que o homem não encontra a paz?
Se há tanta paz no olor das multicores
Flores: orquídeas, rosas, manacás...
Se há tanta paz em cada flor e há tantas flores,
Por que é que o homem não encontra a paz?
Se há tanta paz nos cânticos suaves
Que entoam na alvorada os sabiás,
Se há paz num canto de ave e há tantas aves,
Por que é que o homem não encontra a paz?
Se há tanta paz na brisa que desliza
Sobre as folhagens, tímida e fugaz;
Se há tanta paz na brisa e há tanta brisa,
Por que é que o homem não encontra a paz?
Se há tanta paz nas expressões tão mansas
Que ao vir ao mundo uma criança traz,
E cada dia existem mais crianças,
Por que é que o homem não encontra a paz?
Se há tanta paz nos corações com fé
Que atraí o bem e afasta as coisas más,
Então oremos juntos, todos de pé,
Para que o homem encontre um dia a paz!

Escândalos

INALDO LACERDA LIMA

Escândalo é tudo aquilo que nos chama a atenção como algo repreensível, indigno ou que desperta estupefação no observador. Enfim, causa escândalo tudo o que tem caráter de ato impróprio ou reprovável.

Em relação ao Espiritismo, por exemplo, o escândalo pode ensejar oportunidade àqueles que o perseguem para zombaria, mofa ou oferecer ensejo a dizerem coisas más a respeito da Doutrina.

Assim, se uma pessoa que se diga ou como tal seja reconhecida espírita comporta-se fora dos padrões da boa conduta, logo aparece alguém para exclamar: “Ih! Não é espírita? Não se julga perfeito?!”

Ora, nós nunca nos dizemos ou nos julgamos perfeitos! Todavia, o Espiritismo o é. É uma filosofia de cunho científico e religioso perfeita. Constitui a Terceira Revelação de Deus à Humanidade. No entanto, até que esta, como um todo, tenha maturação suficiente para o aceitar e compreender, os espíritas têm que se esforçar para dar exemplos no bem, na educação, na conduta.

“É mister que venham escândalos” não significa que o homem espírita ande por aí afora a provocá-lo ou a produzi-lo. Atentemos para a frase que se segue, no pensamento do Mestre: “mas ai daquele homem por quem o escândalo vem!”

É mister que venham escândalos também não significa obrigatoriedade: têm de vir escândalos! Significa algo esperado em função de nossas imperfeições, não competindo a ninguém andar a provocá-lo!

Nunca deixamos de insistir, em nossos escritos, na necessidade de os espíritas se manterem atentos ao capítulo XX de “O Evangelho segundo o Espiritismo” que nos conceitua como trabalhadores da última hora. Vejamos bem a expressão trabalhadores. Logo, o nosso papel não deve ser andar a produzir escândalos, aqui e ali, numa conceituação errônea do significado do ser mister que o escândalo venha. Nossa função é de exemplificadores do Bem.

É verdade que o Codificador nos advertiu que foi dita a primeira palavra e que jamais alguém proferirá a última. Entretanto, o que foi dito está dito, e o que foi revelado está revelado. Não significa que tenhamos o direito de, intempestivamente, criar certos modismos dentro da Doutrina e “casos” em torno de pontos de vista particulares, em relação ao que uns possam aceitar e outros não!

O livre-arbítrio é direito de todos concedido por Deus: liberdade de pensamento, liberdade de ação, liberdade de obrar. O apóstolo Paulo o entendeu tão bem, que assim se expressou, falando aos Coríntios: “Não recebamos a graça de Deus em vão, não dando escândalo em coisa alguma, para que o [nosso] ministério não seja censurado (II Coríntios, 6:1 e 3). É óbvio que a censura, aqui, é ao escândalo. E aos gálatas (cap. 6:7) ele explica: “Tudo que o homem semear, isso também ceifará.” É, por conseguinte, a lei do arbítrio. Ninguém vai ceifar por outrem, mas pelo que ele próprio houver semeado.

É muito comum encontrarmos, aqui ou ali, a justificativa dos censuradores de que estão apenas em defesa do Espiritismo ou de Allan Kardec. Não passa pela nossa consciência que a Doutrina precisa de nossa defesa firmada nos autos da censura. Será que imaginam o Cristo passivamente indiferente aos erros humanos, mormente àqueles que possam comprometer a sublimidade do Consolador?...

Cumpra-nos, sim, isso é verdade, o dever, a imensa responsabilidade de preservar a Doutrina do Senhor! Mas, preservar de que modo? Respeitando-a, mesmo no que concerne ao livre-arbítrio de uns e de outros.

Eis que nos ocorre uma outra maneira de preservarmos o Espiritismo: É o que tange ao dito popular roupa suja se lava em casa. A que queremos nos referir com isso? Referimo-nos a críticas a companheiros e até a instituições, que são feitas descaridosamente, nas ruas, nos jornais e até mesmo em emissoras de rádio e televisão, num lamentável atentado ao brilho do Espiritismo, que constituem verdadeiros pratos de lentilhas oferecidos aos gratuitos adversários da Terceira Revelação, e nem sempre procedentes!

“Roupa suja se lava em casa” é uma sentença popular que não cabe ao Espiritismo como doutrina, mas pode ser oportuna carapuça às nossas cabeças, bem relacionada com nossas imperfeitas interações, que deviam ser sempre e sempre de amor e de fraternidade.

Mas, perguntamos, por que os nossos pontos de vista não podem ser discutidos — fraternalmente — em nossas reuniões, nos encontros, nos congressos, nos seminários, de forma honesta, humilde e sincera?

É que talvez, embora dizendo-nos espiritistas, não tenhamos ainda disposição cristã para superar as nossas vaidades, os estigmas ainda evidentes de nosso orgulho sob a máscara de amor-próprio e, pior ainda, o nosso espírito de agressividade.

Escândalos, meus queridos irmãos, não!

Respeitemos a obra do Senhor!

Espiritismo não é ciência, nem filosofia e menos ainda doutrina de homens, mas de Deus, nosso Pai e Criador, trazido à Terra em atendimento à promessa do Cristo.

Se merecermos a condição de espíritas trabalhadores da última hora, no Espiritismo continuemos com humildade, caridade e amor. Mas, se parece bastante pesada para algum de nós esta doutrina, sem que alguém se sinta em condição de nela permanecer como efetivo servidor do Cristo, que dela se afaste, em silêncio, porquanto assim procedendo diminuirá bastante o peso do fardo que pode machucar-lhe os ombros.

Nosso apelo de irmão é: Consintamos todos que a luz do Evangelho nos ajude, concedendo-nos a humildade que nos seja necessária como obreiros fiéis na vinha de nosso Mestre Jesus, o amigo infatigável de sempre. ●

Por que Não se Discutir os Mistérios?

CARLOS BERNARDO LOUREIRO

Há alguns anos, a pesquisadora Elsie Dubugras escreveu um interessante artigo na Revista O Assunto É..., da Editora Três, de São Paulo, sobre uma série de questionamentos ligados à religião. Ela inicia o referido artigo com esta indagação: “O que é a salvação?”. Durante muitos anos procurou o significado dessa palavra, tão freqüentemente usada pelos religiosos. E repete: “Que seria a salvação?” E ela tenta responder com as seguintes perguntas: “Das doenças? Das dificuldades do dia-a-dia? Dos sofrimentos?”

Como não ficasse satisfeita com a sua própria tentativa de encontrar a solução do “mistério”, foi em busca da opinião daqueles que julgava capacitados a responder: os religiosos. Com variações de forma de dizer, mas com idêntico conteúdo, afirmavam-lhe “que seria o resgate das penas eternas causadas pelos pecados cometidos”. Ela admitiu que a resposta chegara, em princípio, a lhe causar certa impressão; todavia, ao submetê-la ao crivo de criteriosa e serena reflexão, percebeu o paradoxo, suscitando-lhe a seguinte indagação: “Por que Deus onipotente, onisciente, criador de todas as coisas, teria criado seres humanos tão frágeis — seres que forçosamente errariam — e, ao mesmo tempo, criado um inferno onde os lançaria por toda a eternidade, a não ser que fossem ‘salvos’ de seus erros através de um esquema que Ele também criara?”. Responderam-lhe prontamente: “É preciso ter fé.” E ela: “Mas como se faz para ter fé?” — “É uma graça que Deus concede.” E insistiu a pesquisadora, com aquela inquietude própria dos que admitem Deus como Inteligência Suprema: “Como conseguir esta graça?” Finalizaram, tachativamente: “Isto é um mistério.” Se as respostas eram, até certo ponto, prosaicas, a saída às perguntas da articulista fora, realmente, inteligente... Justificava-se: “A explicação: Mistério não se discute. Não se deve procurar desvendá-lo. E duvidar é pecado.” Jamais ela conseguiu, nesse sentido, uma resposta satisfatória, coerente e justa.

“Ante essas dificuldades — declarou — acabei por penetrar no deserto da descrença; mergulhei num vácuo filosófico-religioso, onde permaneci durante muito tempo, até que a curiosidade ou impulso interno renasceu, e resolvi buscar a resposta para essas questões.”

Lia tudo que lhe caía nas mãos, entrando em contato com pessoas que professavam doutrinas não dogmáticas. Não tardou em vislumbrar uma pálida luz no final do túnel. Aprendeu, nessa trajetória, em que prevaleceu o bom senso, “que não é possível barganhar com o Todo Poderoso”. Ele não aceita intermediários nem tolera, no seu relacionamento com os indivíduos, expedientes tipo “solução brasileira”, com o emprego do tão falado “jeitinho” ou “quebra-galho”. Outra coisa que aprendeu é que milagres não existem. O que chamamos milagre é simplesmente o fruto de certas leis que foram sabiamente acionadas. A “graça”, longe de ser um presente arbitrário que o Criador concede a alguns privilegiados, é, na verdade, produto da fé. Não da fé cega, mas da fé que nasce do conhecimento e da razão. E o que parece ser uma “graça” é, por certo, um teste para o qual poucos estão em condições de responder. A verdadeira fé é essencialmente ativa e não absurdamente passiva. A pesquisadora Elsie Dubugras, nas suas últimas pesquisas, penetrou no terreno sempre fértil do Espiritismo, que lhe deu todas as respostas procuradas.

-

Retificando...

Na matéria intitulada 1º Congresso Espírita Brasileiro, subtítulo Cinquente-nário do “Pacto Áureo”, publicada em REFORMADOR de dezembro de 1999, onde se lê (p. 377): “(...) e pela Região Sul, Éder Fávaro, Presidente da ABRADE”, leia-se: “pela Região Sul, Antonio Cesar Perri de Carvalho, Presidente da USE; pelas Entidades Especializadas de Âmbito Nacional, Éder Fávaro, Presidente da ABRADE; e pelos congressistas do Exterior, Benjamin Rodríguez Barrera, Tesoureiro do Conselho Espírita Internacional”.

-

Conseqüência da Omissão Materna

PASSOS LÍRIO

-Mamãe — releve-me ponderar-lhe —, a senhora não acha que foi demasiado rigorosa com o Ricardo, exemplando-o da maneira como o fez? Afinal de contas, ele teve um gesto bonito, oferecendo-lhe duas das quatro maçãs que trouxe.

— É o que lhe parece. Você ainda não sabe que, depois disso, na sua ausência, um dos donos da quitanda veio aqui queixar-se a mim de que ele lhe havia surrupiado as frutas. Fiquei muito amargurada, porque foi a primeira vez que isto sucedeu com um filho meu.

— Esse senhor não se teria enganado, julgando ter visto o Ricardo quando bem poderia ter sido outro com o qual o confundiu?

— Não, Virgílio, porque ele descreveu direitinho o tipo do seu irmão, quando saía correndo, e até disse com exatidão a roupa que vestia. Não havia dúvida quanto à identidade.

Assim conversavam mãe e filho acerca do furto praticado, na tarde daquele sábado, por um dos outros cinco filhos menores, precisamente o penúltimo, de sete anos.

Ela, D. Giselda, viúva cinqüentona, símbolo de honradez e honestidade, exemplo de dona de casa. Ele, o primogênito, de maioridade, muito bem formado de caráter, que, com a morte do pai, fazia as vezes de chefe de família e em quem se firmava mesmo a direção do lar.

— Fiquei chocado com o acontecimento! Não podia nunca contar com essa! — prosseguiu o rapaz, como que interessado em conhecer a disposição de ânimo do coração materno, ante a extensão do corretivo aplicado.

— Sei dos profundos laços de afinidade entre vocês dois, por isso avalio a intensidade do seu pesar. Mas é preferível nos amarguremos agora, quando ainda podemos remediar o mal, a termos que chorar mais tarde, sem mais nenhuma possibilidade de consertar a situação, que então se terá deslocado de nossas mãos para as dos servidores da lei.

— Acha que poderia chegar a tanto?

— Será que ainda tem alguma dúvida quanto a isso? Vou contar-lhe um caso que justifica bem as minhas apreensões. Ouvi-o de minha avó, numa noite em que ela soube da morte de um ladrão da localidade.

Espero que a memória venha em meu auxílio na reprodução do episódio então narrado — e isto já vai para uns quarenta anos.

O fato se passou numa cidade do sul da Inglaterra, cujo nome me escapa agora à lembrança. A população vivia aterrorizada com os assaltos e roubos alarmantes que ocorriam periodicamente, praticados sem que o organismo policial, todo mobilizado, conseguisse prender o perigoso gatuno, que matava a sangue-frio e roubava com rara habilidade. Ele sabia despistar bem e quase sempre fazia que alguém fosse preso em seu lugar, para descrédito e desapontamento dos capturadores.

Os casais já não se sentiam seguros em seus passeios.

Os comerciantes e os industriais perguntavam-se a si mesmos que terrível surpresa lhes estaria reservada no dia seguinte, quanto às proporções de prováveis desfalques.

Os chefes de família perdiam um tempo enorme correndo a casa toda e espiando as imediações a ver se não havia alguém embuçado nas sombras ou metido nalgum desvão de suas próprias construções ou das dos vizinhos.

A inquietação era geral. Embora ninguém dissesse nada a ninguém, um sabia do motivo das apreensões do outro.

Pairava assim essa onda de sobressaltos pelo ar, quando, de um momento para outro, se espalhou pela cidade a notícia de que o famigerado meliante fora capturado.

Durante bom número de dias não se falava noutra coisa em todos os cantos e recantos do burgo, e até mesmo muito além de suas fronteiras, repercutindo por quase toda parte do país.

Para subtraí-lo à curiosidade pública, a chefatura de polícia cominara-lhe prisão incomunicável.

Depois de ter-se submetido aos impositivos judiciários, veio a sentença inapelável: caminho da forca.

No dia aprazado para a execução da pena de morte, a praça onde se erigia o cadafalso regurgitava de gente, uns se comprimindo de encontro aos outros, indo e vindo em desconexos movimentos, para lograr posições que lhes possibilitassem melhor linha de visada, na seqüência do triste e doloroso acontecimento.

Eis senão quando chega o momento culminante: assomam ao patíbulo as figuras representativas da Justiça — juiz, promotor, escrivão, acompanhados pelo carrasco.

Em nome da Lei, é facultado ao condenado fazer seu último pedido.

Silêncio e expectativa. Todos os olhos se voltam, mais do que antes, insistentes e indagadores, para o pobre grilheta do crime.

— Que iria ele pedir? — como que pergunta cada um a si próprio.

— Meritíssimo Juiz, gostaria de ver minha mãe.

— Seja feita a vontade do condenado.

Levaram então ao tablado uma senhora já meio idosa, mas que ainda caminhava com relativo aprumo.

Seria de se esperar que o inditoso homem se lhe atirasse aos braços, cingindo-a de encontro ao coração, e dela se despedisse com um ósculo ternamente filial. Mas, qual não foi a

surpresa dos espectadores quando o viram pespegar-lhe cruel dentada numa das faces.

Houve um quê de estupefação na massa compacta, seguido de geral sussurro.

As autoridades, nervosas, erguem-se num ápice de tempo. Uma delas, não me lembro bem se o juiz ou o promotor, pergunta ao delinqüente:

— Que vem a ser isso? Não entendo, não entendemos.

— Ninguém entende — interveio um dos circunstantes mais próximos.

— Senhores — falou por fim o prisioneiro —, eu me explicarei, eu lhes explicarei.

— O que vêem neste momento — não seria preciso que lhes dissesse — é o triste epílogo de uma acidentada existência de crimes. Talvez não tivesse chegado a este fim, se outra fosse a orientação materna com relação a mim. Os assaltos e roubos de minha autoria são sobejamente conhecidos, para eu pensar em recapitulá-los nesta sombria hora do meu destino. Mas eles tiveram, como tudo, seus começos. A primeira coisa que eu levei para casa, fruto de furto, foi um estojo de costura, subtraído do balcão de uma loja de costureiros. Entreguei-o a mamãe; ela olhou-o nas minhas mãos, tomou-o nas suas, revirou-o de cima para baixo, de baixo para cima, e guardou-o. Sabia que eu não trabalhava e que não tinha dinheiro, mas não me disse palavra, nem mesmo me perguntou onde, como, quando e por quanto o adquiri. A segunda leva de objetos foi de quinilharias: brincos, broches, braceletes. Mostrei-os a ela e disse-lhe que iria vendê-los para arranjar algum dinheiro. Também dessa feita não me falou nada, nem procurou saber como os havia obtido. No terceiro furto, entrei com algumas mercadorias em casa: umas peças de roupa e uns artigos de bijuteria. Minha mãe os viu, e ainda nessa oportunidade não me fez interpelação alguma. Sabia que eu continuava sem trabalhar, não tendo onde ganhar dinheiro; mas, nem por isso, deixava de comprazer-se em recolher as novidades que lhe levava. Notando que não era chamado a atenção, que meus atos não eram reprovados, que tudo corria bem, achei bom negócio continuar apropriando-me das coisas alheias, senti-me estimulado à delinqüência. Agora, aqui estou, perante os senhores, nos meus derradeiros instantes de vida, como macabro coroamento de um primeiro passo em falso que não foi acertado e de alguns erros iniciais que deixaram de ser devi-

damente corrigidos. Se minha mãe me tivesse educado, certamente eu não seria o ladrão que sou hoje, de presença indesejável na sociedade, que nesta tarde aprova e aplaude a minha eliminação. Compreendem, agora, o motivo do meu gesto?

E concluía suas últimas palavras desfazendo-se em lágrimas e soluços.

Todos os olhares voltaram-se para a infeliz mulher, enquanto o corpo do desventurado moço pendia do baraço, selando uma sentença inapelável. Dizem que a pobre coitada apenas sobreviveu algumas horas ao filho imolado à pena de morte.

— Aí está, Virgílio, o motivo de minha inspiração remota para a minha atitude recente. Embora se trate de uma versão popular, chegada até aos nossos dias, não deixa de ter seu fundo de realidade, e, como tal, conter oportuna advertência a todas nós, mães.

— Enquanto a senhora falava, mamãe, eu tinha a impressão de estar vendo o desenrolar das cenas.

— Foi um acontecimento forte demais para um coração materno, e eu não quero ter o meu despedaçado como o dessa infeliz criatura, nem desejo a seu irmão a condição de um filho desassistido, com o direito de defender-se condenando, ou de condenar defendendo-se, qual o fez a personagem desse doloroso caso, que viveu matando, por viver morrendo para a própria consciência.

E seu pai, meu filho, deixou-nos uma herança que eu tenho de manter intacta para vocês: um caráter honrado e honesto, verdadeiro padrão de decência, dignidade e nobreza.

— Diante do seu zelo, mãe, estou bem certo de que Ricardo também partilhará desse tesouro, e isso muito me alegra a alma.

O jovem levantou-se, beijou a fronte materna e foi ter com o irmãozinho, por quem sentia profundo impulso afetivo, para dizer-lhe que a mamãe havia agido assim em seu próprio benefício e que ele fosse abraçá-la, prometendo-lhe guardar por todo o sempre a lição recebida.

E ajuizava intimamente, monologando: — Ela está certa; é isso mesmo: “Antes que o mal cresça, corta-se-lhe a cabeça.” ●

Mãos Fortes e Limpas

Illumina o coração para que o amor seja o laço do céu, a irmanar-te com todas as criaturas.

Purifica teus olhos para que os males da peregrinação terrestre não te perturbem a mente.

Defende os ouvidos contra as sugestões da ignorância e da sombra, a fim de que a paz interior não te abandone.

Clareia e adoça tua palavra para que o teu verbo não acuse e nem fira, ainda mesmo na hora da consagração da verdade.

Conduze teu pensamento `a grande compreensão do próximo, ajudando os que te cercam, tanto quanto desejes ser por eles auxiliado.

Equilibra teus pés no caminho reto sem te precipitares aos abismos que tantas vezes surgem à margem de nossa vida, induzindo-nos à queda e ao desespero.

E, desse modo, terás contigo o tesouro das mãos fortes e limpas para abençoar e servir, conduzir e curar em nome do Senhor.

ANDRÉ LUIZ

(Do livro "Correio Fraternal", de Autores Diversos, psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier, cap. 51, 5. ed. FEB.)

A Radiofonia Espírita no Brasil

WASHINGTON LUIZ N. FERNANDES

É sem dúvida das mais importantes a contribuição da divulgação espírita através dos meios de comunicação de massa, como rádio e televisão, pois objetiva a ocupação de espaços na sociedade que, em geral, são preenchidos por atividades e programações que nem sempre edificam o espírito. A Radiofusão, iniciada em fins do século XIX, a princípio era restrita, pois sua tecnologia ainda ensejava muitas interferências, e somente a partir da década de 20 é que seu uso foi popularizado. No Brasil, em 1922, no Rio de Janeiro, é que houve a primeira emissão radiofônica oficial brasileira, mas só em 1923 veio ao ar a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, criada pelo antropólogo brasileiro, da Academia Brasileira de Letras, Edgard Roquette Pinto (1884-1954), participando também o engenheiro Henrique Morize (1860-1930).

Os tarefeiros espíritas estavam atentos para os avanços tecnológicos, e não ficaram de fora destas novas conquistas. Afinal, as Leis de Deus devem ser disseminadas e é evidente que a mensagem de iluminação deve se espalhar por todos os lugares, através de quantos estejam comprometidos com a Verdade.

Por isso, merece referência o Sr. Hubert Forestier, que já na década de 30, em França, transmitiu conferências radiofônicas pela Rádio Toulouse.

Os Pioneiros

No Brasil, os pioneiros da radiofonia espírita foram pessoas também conscientes e comprometidas com a divulgação da Causa do Consolador, seguindo a orientação do Mestre, quando esclareceu aos Apóstolos que o cristão deve ser a luz do mundo (Mateus, 5:44). Tais iniciativas ocorreram em todo o País e, para lembrar, citamos apenas alguns desses pioneiros e seus continuadores:

No Rio de Janeiro, merece referência o Sr. Henrique Andrade (1889-1968), advogado, carioca, orador, amigo do grande tribuno Vianna de Carvalho (1874-1926); o Sr. Henrique foi Presidente da Liga Espírita do Brasil (1933-36), fundada em 1926, atual União das Sociedades Espíritas do Estado do Rio de Janeiro (USEERJ), e comandou programação espírita na Rádio Educadora que por anos consecutivos falou sobre Espiritismo e, durante a Revolução de 1932, fazia-o toda noite; o grande jornalista e polemista espírita, carioca que viveu em Matão (SP), Cairbar Schutel (1868-1938), com suas conferências radiofônicas semanais pela Rádio Cultural de Araraquara, PRD-4, nos idos de 1936-37, e que foi cumprimentado pelo grande cientista espírita genovês Ernesto Bozzano (1861-1943), quando teve notícia de sua iniciativa radiofônica pela Revista Internacional de Espiritismo, de Matão; também no Rio de Janeiro o médium de efeitos físicos João Pinto de Souza (1891-1943), pernambucano, com programação diária na antiga Rádio Transmissora do Rio, PRE-3, com A Hora Espiritualista, a partir de 1938, a qual existe ainda hoje, com o nome de A Hora Espiritualista João Pinto de Souza; em continuação ao comando do programa, em 1943, assumiu Geraldo de Aquino (1912-1984), mineiro que, em 1947-52, passou o programa para a Rádio Sociedade Fluminense, Clube Fluminense, Clube do Brasil, depois para a Rádio Copacabana, a Mundial, etc., até que, no início da década de 70, liderou um movimento para comprar a Rádio Rio de Janeiro (AM, 50 MHz) realizando para isso várias promoções, inclusive com a participação de artistas, felizmente obtendo êxito, constituindo-se a Fundação Cristã Espírita Cultural Paulo de Tarso; em Pernambu-

co, em 1944, merecem referência Agésilau Novelino Pinheiro

Ramos (1911-1988) e Nelson Kerensky Paes Barreto (1918-1973), que era paraibano, ambos comandando a programação Raios de Luz, na Rádio Clube de Pernambuco, então a única existente na cidade; além deles, o Sr. João Batista Campos (1919), fundador da Casa dos Espíritas, em 1947, que até hoje dirige programação na Rádio Difusora de Limoeiro, na cidade de Limoeiro do Norte, programa diário que foi criado por sua irmã, a Sra. Nocy Cordeiro Campos (1891-1988); em 1940, em São Paulo (Capital), o italiano Caetano Mero (1891-1973) comandou um movimento para fundar a Rádio Piratininga, com programação espírita; posteriormente, a continuação foi pela Rádio Progresso; vale registrar que o Sr. Caetano vinha sendo orientado, desde 1937, por Caibar Schutel, para ocupar espaço em rádio, mas sempre encontrando resistência pelo domínio clerical, conforme está consignado no livro “Caibar Schutel, O Bandeirante do Espiritismo”, de Eduardo C. Monteiro e Wilson Garcia, ed. O Clarim, Matão, 1986, pág. 197 e s.; antes dele, chegou a ser transmitido em São Paulo o programa A Hora Espírita, pela Rádio Educadora; o Sr. Orlando da Silva Freitas (1902-1954), através de sua Rádio Clube de Sorocaba (SP), vendida em 1963 para o Centro Espírita Nosso Lar Casas André Luiz, irradiou palestras espíritas da União Espírita de Sorocaba, de 1938 a 1944.

Os Continuadores

A década de 50 foi profícua para a Radiofonia Espírita: em Salvador, nos idos de 1951, o médium Divaldo Pereira Franco comandou o programa Voz da Fraternidade, semanal, na Rádio Excelsior, depois Rádio Sociedade, aos domingos às 10 horas, depois às 18 horas, com duração inicial de 30 minutos, depois de 60 minutos; também em Salvador, Aurelino Motta de Carvalho e Antenor Rodrigues, de 1955 a 1960, apresentaram o Programa matutino Evangelho no Lar, na Rádio Cultura da Bahia, a partir das 6h30 da manhã; em 1953, programa “Momentos de Confraternização” na Rádio Cacique de Santos; em 1954, Programa “Bezerra de Menezes” na Rádio Mundial e Programa “Luz na Penumbra” na Rádio Mauá ambas do Rio de Janeiro; em 4-11-1956, foi iniciado o programa Espiritismo no Lar, inaugurado através da Rádio Industrial, em Juiz de Fora (MG); a partir de 1955, em Jaboicabal (SP) começou o Programa Espírita Radiofônico Espiritismo no Lar, promovido pelo Centro Espírita Caridade e Fé, fundado em 13-5-1908; em Ponta Grossa (PR), em maio de 1954, surgiu o Programa Samaritanos do Ar, que ia ao ar às terças e quintas-feiras, às 18 horas, na Rádio Central do Paraná, depois transferido para a Rádio Clube Ponta-Grossense, tendo hoje o nome de Momento Espírita; em 1955, também em Ponta Grossa, entrou no ar o Programa Servas Cristãs, sob a responsabilidade da Organização Feminina Cristã Irmã Scheilla, com a colaboração de Guaracy Paraná Vieira (1918-1991), na mesma Rádio Clube da cidade; no início da década de 50, José Mesquita Netto (1913-1993) e sua esposa, Sra. Neide, criaram o Programa Espírita Radiofônico, na Rádio Difusora de Sergipe, por 10 anos, sábado às 18 horas, e a Federação Espírita do Estado de Sergipe iniciou o programa Momentos de Luz, em 1983, na Rádio Liberdade, que continua hoje na Rádio Aperipê; como também Benjamin Teixeira, em Aracaju, na Rádio Liberdade, Perspectivas Além da Morte; igualmente na década de 50, o Programa Raios de Luz foi ao ar pela Rádio Clube de Pernambuco, destacando-se na locução Severino Ramos da Paixão (1902-1982); em 1959, em São Paulo, Mário de Pichia, da Rádio Cultura, a qual seria incorporada ao Diário de São Paulo, ofereceu espaço na Rádio ao livreiro espírita Vicente Sachitiello Neto (1913-1998), por meia hora, às segundas-feiras, fazendo-o iniciar o programa A Caminho da Luz, o qual ele passou a dividir com a Federação Espírita do Estado de São Paulo; em Uberaba, no final da

década de 50, houve o programa Ondas de Luz, do qual participavam Waldo Vieira, Lygia Alonso de Andrade e Chico Xavier; nesta cidade houve também outro programa de rádio, conduzido pelo Centro Espírita Uberabense; em São Paulo, na década de 50, a Sra. Anita Brisa (1910-1998), Presidente do Centro Espírita 3 de Outubro, comandou o programa Entre dois Mundos Responde, pela Rádio Educadora; na década de 60, em Vitória da Conquista (BA), a Rádio Clube de lá levou ao ar o Programa Radiofônico Cristão Educacional, aos sábados, às 19 horas; em Manaus (AM), em fins de 1962, tivemos o Programa Radiofônico A Terceira Revelação, graças à inspiração através do médium Periandro Trinquero; o jornalista Herculano Pires (1915-1979) manteve programação espírita na Rádio Mulher, No Limiar do Amanhã — Um Desafio no Espaço, no início da década de 70, em São Paulo; também em 1970, Abel Mendonça (1902-1977) apresentou o programa Fatos à Luz do Espiritismo, através da Rádio Sociedade da Bahia; em Ribeirão Preto (SP), no início de 70, aos domingos, às 7h45, na Rádio Renascença, foi iniciado o programa Gotas de Luz, dirigido pelo Sr. Theodoro José Papa (4-7-1907).

Esta lista exemplificativa representa o que pesquisamos e nos chegou ao conhecimento, devendo naturalmente haver muitas outras iniciativas mas, enfim, são apenas alguns apontamentos históricos, acompanhando a trajetória da difusão do Consolador...

-

Consciência, o Espelho da Alma

MARCELO PAES BARRETO

O espelho reflete a imagem da pessoa postada à sua frente, tal qual esta se lhe apresenta no momento em que ali se coloca, oportunidade na qual visualiza a sua situação física, podendo, se quiser, retificá-la ou deixá-la como está.

Nele, porém, não pode visualizar a sua situação interna, ou seja, a sua vida interior, fato somente possível através do exame da consciência.

A consciência passa, então, a ser o espelho da alma, retratando, através do registro dos atos realizados ou mesmo idealizados, as coisas boas ou más das quais o Espírito é portador.

Quando o indivíduo passa a observar-se através do espelho da alma, assume, conseqüentemente, a postura da responsabilidade, vigiando-se para não deixar que novos erros ou enganos aconteçam em seu patrimônio íntimo, o que equivale dizer que passa a haver novo comando!

É nesse momento que surgem os institutos da cautela, da prudência e da análise dos fatos e atos de sua vida, objetivando o acerto dos passos para um rumo melhor, o que deverá propiciar uma tranqüilidade, e até alegria, ao se olhar no espelho interno da própria alma.

Trata-se, na verdade, tal processo, do “Vigiai e Orai” e do “Conhece-te a ti mesmo”, propiciando a ponderação racional antes da tomada de qualquer atitude.

Assim, à medida que o ser encarnado passa a conscientizar-se da sua realidade, da verdade natural e das leis naturais trazidas ao mundo de forma concreta pelo Cristo, perceberá, diante do espelho da alma, uma figura desprovida de manchas e de maldade, sem pesos que atravanquem a própria caminhada.

A partir disso, torna-se, então, de verdade, um arauto do bem, buscando, em todas as oportunidades, realizar coisas que o ajudem a edificar uma vida plena de luz, alegria e progresso. ●

Escrevendo na Areia

LUIZ CARLOS CAMARÃO

Quem, em sã consciência, assumiria um compromisso de grande responsabilidade, aceitaria um acordo de prestação de serviço, de compra e venda de bens, se o texto do contrato, com suas cláusulas de direitos e obrigações, estivesse escrito sobre a areia?!

Dizem que houve uma época da Humanidade em que os homens se entendiam e assumiam compromissos por conta da própria palavra. Não sabemos se esta afirmativa tem fundamento, pois a História registra notícias de desavenças, conflitos, duelos e guerras, por causa de traições e desentendimentos de idéias entre os humanos.

O que temos observado é que, no mundo moderno, a preocupação do homem com os documentos, notadamente na área dos interesses materiais e principalmente no que se refere a leis e negócios, tem sido tamanha que, muitas vezes, não basta que duas pessoas assinem conjuntamente um papel, mas é preciso que este papel tenha uma cópia registrada em cartório e que as assinaturas sejam devidamente reconhecidas por tabelião.

Apenas de modo descontraído e lúdico temos visto pessoas, principalmente crianças e jovens, escreverem na areia da praia riscos, desenhos, nomes, declarações, etc.

É muito poético assistir um casal de namorados desenhar, na areia, um coração traspassado por uma flecha e, ao lado, seus nomes, como forma de registrar, ali, a sua paixão, o seu amor.

Se eles pensassem bem, nem o fariam, pois é essa escrita de uma fragilidade imensa: uma pessoa que passa e pisa, imediatamente deturpa a informação; o vento, lenta ou rapidamente, desintegra a mensagem; a onda do mar domina a areia e leva, de uma só tragada, aquela declaração.

Mas um contrato civil de casamento pode unir o casal para o resto de sua existência terrena e, quem sabe, para a espiritualidade...

Contam os Evangelhos que o Cristo, um dia, escreveu na terra. Todos lembram? Recordemos João (8:3-9):

“Os escribas e fariseus trouxeram uma mulher que fora apanhada em adultério. E, pondo-a no meio, disseram-lhe: — Mestre, esta mulher foi apanhada no próprio ato, adulterando. E, na lei, nos mandou Moisés que as tais sejam apedrejadas. Tu, pois, que dizes? Isto diziam eles, tentando-o, para que tivessem de que o acusar. Mas Jesus, inclinando-se, escrevia com o dedo na terra. E, como insistissem, perguntando-lhe, endireitou-se, e disse-lhes: Aquele que, dentre vos, está sem pecado, seja o primeiro que atire pedra contra ela. E, tornando a inclinar-se, escrevia na terra.”

Conhecendo, como todos conhecemos, a natureza elevada de Jesus, temos certeza de que todas as Suas palavras, atos, e até os menores gestos hão de conter, sempre, um profundo significado. Não podemos conceber que o Mestre dos Mestres estivesse ali a se comportar infantilmente ou imaturamente, ao escrever sobre a terra. Aceitamos, sim, que de maneira simbólica e divinamente poética, Ele nos passa um ensinamento muito importante.

Observamos que os escribas e fariseus apoiavam o ato de apedrejamento,

na Lei de Moisés e, enquanto eles argumentavam, o Cristo inclinava-se e escrevia na terra. Quando responde aos argumentos, Jesus endireita-se e manifesta o seu pensamento a respeito do assunto.

Mentalizemos o quadro e descobriremos o seu profundo significado.

Ao inclinar-se sobre a terra enquanto os escribas e fariseus argumentam e endireitar-se quando assume a palavra, queria o Cristo demonstrar que as leis de Moisés abordavam situações quase que totalmente restritas às necessidades imediatas, materiais e terrenas do homem. E que a Sua presença na Terra tinha por objetivo estabelecer uma atualização das leis terrenas, sublimando-as, para aproximá-las das Leis Divinas. Eis o simbolismo profundo do mergulhar o dedo na terra e depois elevar-se para aproximar, do céu, Sua cabeça iluminada.

E, relacionando as leis vigentes com a nova ordem de idéias que vinha estabelecer, o Cristo queria demonstrar, naquele momento:

a) Que as Leis de Moisés, àquela época, não mais continham substância para julgar todo o comportamento humano;

b) que toda lei humana é passageira e momentânea, quais as palavras escritas na areia;

c) que as leis humanas estarão, sempre, submetidas a uma lei maior que é a lei do progresso, que sucessivamente as alteram (como os escritos na areia pisados pelas pessoas); que vão sendo diluídas ao longo do tempo, até serem abolidas por não mais necessárias (efeito do vento sobre as palavras na areia); ou desaparecem instantaneamente por não terem mais utilidade prática (como a areia tragada pelo mar);

d) que Sua presença (dele, Jesus) representava um marco definitivo de alteração das leis humanas e de implantação de novas leis, com mais extensa durabilidade.

Podemos verificar que, durante toda a passagem de Jesus, no Planeta, Ele não deixou que pairassem dúvidas sobre Sua missão de Legislador Divino junto aos homens, afirmando constantemente e de modo bastante incisivo: — “Ouvistes o que foi dito aos antigos... Eu, porém, vos digo!...”

Voltemos ao tema central, inspirado no Evangelho de João:

No momento em que liberava a mulher adúltera, Jesus, o Cristo, trazia oficialmente o decreto de Deus, para que a pena de morte fosse banida de sobre a Terra. E igualmente promulgava uma nova Lei, segundo a qual a misericórdia, o perdão, a bondade, a compaixão, o amor ao próximo, a caridade constituem artigos, parágrafos e cláusulas de cumprimento obrigatório.

O que os humanos temos esquecido, com muita freqüência, durante todos esses séculos que nos separam do período em que Jesus, Governador Espiritual de nosso Planeta, viveu na Terra é que, quando uma nova Lei é promulgada, ficam definitivamente revogadas todas as disposições anteriores em contrário! •

A Visão Espiritual Sobre o Suicídio

DOMÉRIO DE OLIVEIRA

A vitória da vida não consiste tanto no ganhar suas batalhas, como em saber sofrer suas derrotas” (P. C. Vasconcelos Jr. In — “Pensamentos”).

O suicídio é o resultado do nosso desequilíbrio espiritual. Quando o cidadão perde o controle das suas forças psíquicas, torna-se alvo das trevas (dos maus Espíritos), e acaba caindo no tremendo calabouço do suicídio. Há pessoas que chegam às portas do suicídio levadas pela ignorância das leis naturais da causa e do efeito. Algumas pessoas cometem o suicídio quando tangidas por doenças incuráveis ou quando atingem idade avançada. Não querem ser pesadas para as suas famílias e nem passarem por muitos sofrimentos. Essas pessoas não estão bem conscientes do aspecto espiritual de suas ações. Ignorando a Lei Maior da Vida Eterna, acham que podem estancar os achaques da velhice e que também podem interromper os seus sofrimentos, saindo desta existência, pelas portas trágicas do suicídio. Entretanto, meus amigos, ninguém pode exercer o papel de Deus. Ele nos dá a vida, aqui no planeta Terra e sabe, muito bem, o momento de nos transferir para o Plano Maior. Essas pessoas devem saber que o nosso Espírito ao ingressar no corpo mais denso, por si mesmo, escolheu as experiências cármicas para o seu burilamento íntimo. Nestas circunstâncias, durante nossas lutas, nossas provas e expiações, no planeta que nos acolheu, temos que batalhar até o fim, até à última gota de nossas forças. Temos que lutar até o fim, valendo-nos de todos os recursos para nossa sobrevivência. Só mesmo Deus, nosso Criador, pode fixar o momento da nossa partida. Sabemos que todas as vezes que ocorre o suicídio o Espírito deverá retornar para reaprender aquela experiência interrompida, ou seja, precisará voltar em outra existência e passar de novo pela mesma provação ou algo similar. A provação pode não ser tão extremada como a que experimentou na existência anterior, porque parte dela já foi vivenciada, entretanto, o Espírito precisará resgatar, até o último centil, as provas que se lhe antolham e que foram ocasionadas pelo suicídio. As leis da ação e da reação funcionam como um sistema de pesos e medidas. A situação, assim, fica bem mais complicada, porque o suicídio nada resolve, pelo contrário, é circunstância tremendamente agravante. Meus amigos, a morte física não resolve os problemas que se ligam às nossas responsabilidades. Nossos problemas de ordem sentimental, de ordem social ou de quaisquer naturezas, por certo, temos que resolvê-los e saná-los, aqui e agora, à luz da mais santa paciência e do trabalho incansável. Não tentemos fugir dos problemas porque eles nos seguem, como a sombra segue o nosso próprio corpo.

Sim, doe-nos o coração, quando em trabalhos mediúnicos, temos a oportunidade de constatar a situação de penúria e de angústia dos irmãos que se suicidaram. Abre-se uma exceção para os irmãos que cometeram o suicídio tangidos por doenças mentais ou por desequilíbrios bioquímicos. Aludidas pessoas estariam com sua capacidade de decidir comprometida. Então, quando passam para o outro lado, acordam em uma espécie de abrigo onde recebem o auxílio de que precisam para o restabelecimento. Entretanto, não deixam de responder pela gravidade da falta cometida.

E podemos aduzir mais que a natureza de uma Alma a leva a crescer e a aprender. Por isso mesmo, trazemos, para a nossa existência terrena, determinadas situações que precisamos superar ou para as quais precisamos buscar equilí-

brio. Se nos déssemos conta de que, no plano terreno, é normal vivenciarmos algum tipo de sofrimento, seja físico, mental ou emocional, e de que o suicídio não eliminaria essa condição, acreditamos que haveria menos casos de pessoas tirando suas próprias existências. Precisamos nos conscientizar sobre o erro do suicídio e sempre acentuar a responsabilidade que temos de viver plenamente, porque a Vida, em síntese, é uma só, e as existências, neste plano-terra, são os degraus que devemos escalar. Se quebrarmos algum degrau, por certo, teremos que descer de novo e reconstruí-lo. A queda, em qualquer circunstância, é sempre mais dolorosa.

Lembremo-nos sempre e procuremos vivenciar, “ab imo corde”, os valiosos ensinamentos do Eminente Guerreiro-Filósofo Napoleão Bonaparte (1769 *usque* 1821):

“Tão valente é aquele que sofre corajosamente as dores da alma como o que se mantém firme diante da metralha de uma bateria. Entregar-se à dor, sem resistir, matar-se e eximir-se à mesma dor, é abandonar o campo de batalha antes de ter vencido.”

-

CAMPANHA “ AMOR À VIDA! ABORTO, NÃO!”

O ABORTO NA VISÃO ESPÍRITA

I — CONSIDERAÇÕES DOCTRINÁRIAS

A Doutrina Espírita trata clara e objetivamente a respeito do abortamento, na questão 358 de sua obra básica O Livro dos Espíritos, de Allan Kardec:

Pergunta — Constitui crime a provocação do aborto, em qualquer período da gestação?

Resposta — “Há crime sempre que transgredis a lei de Deus. Uma mãe, ou quem quer que seja, cometerá crime sempre que tirar a vida a uma criança antes do seu nascimento, por isso que impede uma alma de passar pelas provas a que serviria de instrumento o corpo que se estava formando.”

Sobre os direitos do ser humano, foi categórica a resposta dos Espíritos Superiores a Allan Kardec na questão 880 de O Livro dos Espíritos :

Pergunta — Qual o primeiro de todos os direitos naturais do homem?

Resposta — “O de viver. Por isso é que ninguém tem o de atentar contra a vida de seu semelhante, nem de fazer o que quer que possa comprometer-lhe a existência corporal.”

INÍCIO DA VIDA HUMANA

Para a Doutrina Espírita, está claramente definida a ocasião em que o ser espiritual se insere na estrutura celular, iniciando a vida biológica com todas as suas conseqüências. Na questão 344 de O Livro dos Espíritos, Allan Kardec indaga aos Espíritos Superiores:

“Pergunta — Em que momento a alma se une ao corpo?”

Resposta — “A união começa na concepção, mas só é completa por ocasião do nascimento. Desde o instante da concepção, o Espírito designado para habitar certo corpo a este se liga por um laço fluídico, que cada vez mais se vai apertando até ao instante em que a criança vê a luz. O grito, que o recém-nascido solta, anuncia que ela se conta no número dos vivos e dos servos de Deus.”

As ciências contemporâneas, por meio de diversas contribuições, vêm confirmando a visão espírita acerca do momento em que a vida humana se inicia. A Doutrina Espírita firma essa certeza definitiva, estabelecendo uma ponte entre o mundo físico e o mundo espiritual, quando oferece registros de que o ser é preexistente à concepção, bem como sobrevivente à morte biológica.

A tese da reencarnação, que o Espiritismo apresenta como eixo fundamental para se compreender a vida e o homem em toda sua amplitude, hoje é objeto de estudo de outras disciplinas do conhecimento humano que, através de evidências científicas, confirmam a síntese filosófica do Espiritismo: “Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sempre, tal é a Lei.”

Assim, não se pode conceber o estudo do abortamento sem considerar o princípio da reencarnação, que a Parapsicologia também aborda ao analisar a

memória extracerebral, ou seja, a capacidade que algumas pessoas têm de lembrar, espontaneamente, de fatos com elas ocorridos, antes de seu nascimento. Dentro da lei dos renascimentos se estrutura, ainda, a terapia regressiva a vivências passadas, que a Psicologia e a Psiquiatria utilizam no tratamento de traumas psicológicos originários de outras existências, inclusive em pacientes que estiveram envolvidos na prática do aborto.

ABORTO TERAPÊUTICO

O procedimento abortivo é moral somente numa circunstância, segundo O Livro dos Espíritos, na questão 359, respondida pelos Espíritos Superiores:

Pergunta — Dado o caso que o nascimento da criança pusesse em perigo a vida da mãe dela, haverá crime em sacrificar-se a primeira para salvar a segunda?

Resposta — “Preferível é se sacrifique o ser que ainda não existe a sacrificar-se o que já existe.”

(Os Espíritos referem-se, aqui, ao ser encarnado, após o nascimento.)

Com o avanço da Medicina, torna-se cada vez mais escassa a indicação desse tipo de abortamento. Essa indicação de aborto, todavia, com as angústias que provoca, mostra-se como situação de prova e resgate para pais e filhos, que experimentam a dor educativa em situação limite, propiciando, desse modo, a reparação e o aprendizado necessários.

ABORTO POR ESTUPRO

Justo é se perguntar, se foi a criança que cometeu o crime. Por que imputar-lhe responsabilidade por um delito no qual ela não tomou parte?

Portanto, mesmo quando uma gestação decorre de uma violência, como o estupro, a posição espírita é absolutamente contrária à proposta do aborto, ainda que haja respaldo na legislação humana.

No caso de estupro, quando a mulher não se sinta com estrutura psicológica para criar o filho, cabe à sociedade e aos órgãos governamentais facilitar e estimular a adoção da criança nascida, ao invés de promover a sua morte legal. O direito à vida está, naturalmente, acima do ilusório conforto psicológico da mulher.

ABORTO “EUGÊNICO” OU “PIEDOSO”

A questão 372 de *O Livro dos Espíritos* é elucidativa:

Pergunta — Que objetivo visa a providência criando seres desgraçados, como os cretinos e os idiotas?

Resposta — “Os que habitam corpos de idiotas são Espíritos sujeitos a uma punição. Sofrem por efeito do constrangimento que experimentam e da impossibilidade em que estão de se manifestarem mediante órgãos não desenvolvidos ou desmantelados.”

Fica evidente, desse modo, que, mesmo na possibilidade de o feto ser portador de lesões graves e irreversíveis, físicas ou mentais, o corpo é o instrumento

de que o Espírito necessita para sua evolução, pois que somente na experiência reencarnatória terá condições de reorganizar a sua estrutura desequilibrada por ações que praticou em desacordo com a Lei Divina. Dá-se, também, que ele renasça em um lar cujos pais, na grande maioria das vezes, estão comprometidos com o problema e precisam igualmente passar por essa experiência reeducativa.

ABORTO ECONÔMICO

Esse aspecto é abordado em O Livro dos Espíritos, na questão 687:

Pergunta — Indo sempre a população na progressão crescente que vemos, chegará tempo em que seja excessiva na Terra?

Resposta — “Não, Deus a isso provê e mantém sempre o equilíbrio. Ele coisa alguma inútil faz. O homem, que apenas vê um canto do quadro da Natureza, não pode julgar da harmonia do conjunto.”

Em O Evangelho segundo o Espiritismo, Cap. XXV, a afirmativa de Allan Kardec é esclarecedora: “A Terra produzirá o suficiente para alimentar a todos os seus habitantes, quando os homens souberem administrar, segundo as leis de justiça, de caridade e de amor ao próximo, os bens que ela dá. Quando a fraternidade reinar entre os povos, como entre as províncias de um mesmo império, o momentâneo supérfluo de um suprirá a momentânea insuficiência de outro; e cada um terá o necessário.”

Convém destacar, ainda, que o homem não é apenas um consumidor, mas também um produtor, um agente multiplicador dos recursos naturais, dominando, nesse trabalho, uma tecnologia cada vez mais aprimorada.

O DIREITO DA MULHER

Invoca-se o direito da mulher sobre o seu próprio corpo como argumento para a descriminalização do aborto, entendendo que o filho é propriedade da mãe, não tem identidade própria e é ela quem decide se ele deve viver ou morrer.

Não há dúvida quanto ao direito de escolha da mulher em ser ou não ser mãe. Esse direito ela o exerce, com todos os recursos que os avanços da ciência têm proporcionado, antes da concepção, quando passa a existir, também, o direito de um outro ser, que é o do nascituro, o direito à vida, que se sobrepõe ao outro.

Estudos científicos recentes demonstram o que já se sabia há muito tempo: o feto é uma personalidade independente que apenas se hospeda no organismo materno. O embrião é um ser tão distinto da mãe que, para manter-se vivo dentro do útero, necessita emitir substâncias apropriadas para neutralizar as que são produzidas pelo organismo da hospedeira com o objetivo de expulsá-lo como corpo estranho.

CONSEQÜÊNCIAS DO ABORTO

Após o abortamento, mesmo quando acobertado pela legislação humana, o Espírito rejeitado pode voltar-se contra a mãe e todos aqueles que se envolveram na interrupção da gravidez. Daí dizer Emmanuel (Vida e Sexo, psicografado por Francisco C. Xavier, cap. 17, ed. FEB): “Admitimos seja suficiente breve medita-

ção, em torno do aborto delituoso, para reconhecermos nele um dos fornecedores das moléstias de etiologia obscura e das obsessões catalogáveis na patologia da mente, ocupando vastos departamentos de hospitais e prisões”.

Mulher e homem acumpliciados nas ocorrências do aborto criminoso desajustam as energias psicossomáticas com intenso desequilíbrio, sobretudo, do centro genésico, implantando nos tecidos da própria alma a sementeira de males que surgirão a tempo certo, o que ocorre não só porque o remorso se lhes entranha no ser mas também porque assimilam, inevitavelmente, as vibrações de angústia e desespero, de revolta e vingança dos Espíritos que a lei lhes reservava para filhos.

Por isso compreendem-se as patologias que poderão emergir no corpo físico, especialmente na área reprodutora, como o desaguar das energias perispirituais desestruturadas, convidando o protagonista do aborto a rearmar-se com a própria consciência.

NO REAJUSTE

Ante a queda moral pela prática do aborto não se busca condenar ninguém. O que se pretende é evitar a execução de um grave erro, de conseqüências nefastas, tanto individual como socialmente, como também sua legalização. Como asseverou Jesus: “Eu também não te condeno; vai e não tornes a pecar.” (João, 8:11.)

A proposta de recuperação e reajuste que o Espiritismo oferece é de abandonar o culto ao remorso imobilizador, a culpa autodestrutiva e a ilusória busca de amparo na legislação humana, procurando a reparação, mediante reelaboração do conteúdo traumático e novo direcionamento na ação comportamental, o que promoverá a liberação da consciência, através do trabalho no bem, da prática da caridade e da dedicação ao próximo necessitado, capazes de edificar a vida em todas as suas dimensões.

Proteger e dignificar a vida, seja do embrião, seja da mulher, é compromisso de todos os que despertaram para a compreensão maior da existência do ser.

Agindo assim, evitam-se todas as conseqüências infelizes que o aborto desencadeia, mesmo acobertado por uma legalização ilusória. “O amor cobre a multidão de pecados”, nos ensina o apóstolo Pedro (I Epístola, 4:8).

II — CONSIDERAÇÕES LEGAIS E JURÍDICAS

ALTERAÇÃO DO CÓDIGO PENAL

Tramita no Congresso Nacional Projeto de Lei que altera o Código Penal Brasileiro, nos seus artigos 124 a 128, elaborado por uma comissão especialmente criada com esse fim, e que já recebeu a acolhida do Ministério da Justiça e da Comissão de Constituição e Justiça da Câmara dos Deputados.

O Código vigente, Decreto-Lei 2.848, de 7-12-1940, pune o aborto provocado pela gestante ou com seu consentimento (art. 124), o aborto provocado por terceiro (art. 125), o aborto provocado com o consentimento da gestante (art. 126), e prevê formas qualificadas em caso de superveniência de lesões graves ou morte da gestante (art. 127). No art. 128, expressa não ser punível o aborto praticado por médico: “(...) II — Se a gravidez resultante de estupro e o aborto é precedido de

consentimento da gestante ou, quando incapaz, de seu representante legal”, além, claro, daquele autorizado para salvar a vida da gestante (inciso I).

O anteprojeto de alteração do Código Penal Brasileiro vai além, em especial no seu artigo 128, com a ampliação de sua área de abrangência, ou seja, permitindo a prática do aborto: a) não só quando houver perigo de vida à gestante, mas também para, em caráter amplo, “preservar a saúde” da mulher (inciso I), ou b) não só em razão de gravidez originada de estupro, mas também quando a gravidez for resultado da “violação da liberdade sexual ou do emprego não consentido de técnica de reprodução assistida” (inciso II) e c) quando houver fundada probabilidade de o nascituro apresentar graves e irreversíveis anomalias físicas ou mentais, mediante constatação e atestado afirmado por dois médicos (inciso III).

Dada a gravidade da questão, eis que as alterações propostas ampliam a descriminalização do aborto e implicam o poder de decidir sobre a vida de um ser humano já existente e em desenvolvimento no ventre materno, oferecendo à gestante inúmeras alternativas legais, não há como permanecer em silêncio, sob pena de conivência com um possível procedimento que, frontalmente, fere o direito à vida, cuja inviolabilidade tem garantia constitucional. À vista dessas propostas, é necessário que se dê ênfase à responsabilidade assumida por todos quantos participem da perpetração do ato criminoso, desde a atividade legislativa e sua promulgação, convertendo em lei o leque abrangente da prática do abortamento, até quem o autoriza, com ele consente e o executa.

Vale notar que existem outros projetos de lei no Congresso sob o mesmo enfoque e, recentemente, o Sr. Ministro da Saúde, através de Norma Técnica, procurou antecipar a prática de procedimentos abortivos no sistema SUS.

O DIREITO À VIDA

O direito à vida é amplo, irrestrito, sagrado em si e consagrado mundialmente. No que tange ao direito brasileiro, a “inviolabilidade do direito à vida” acha-se prevista na Constituição Federal (artigo 5º “caput”), o primeiro entre os direitos individuais, quando essa lei básica, com ênfase, dispõe sobre os direitos e garantias fundamentais.

O ser humano, como sujeito de direito no ordenamento jurídico brasileiro, existe desde a sua concepção, ainda no ventre materno. Essa afirmativa é válida porque a ciência e a prática médica, hoje, não têm dúvida alguma de que a criança existe desde quando fecundado o óvulo pelo espermatozóide, iniciando-se, aí, o seu desenvolvimento físico. Tanto correta é essa afirmativa que, no ordenamento jurídico brasileiro, há a previsão legal de que “a personalidade civil do homem começa pelo nascimento com vida, mas a lei põe a salvo, desde a concepção, os direitos do nascituro” (artigo 4º do Código Civil — grifou-se). Entre esses direitos está, além daqueles que ostentem caráter meramente econômico ou financeiro, o primeiro e o mais importante deles, vale dizer, o direito à vida.

Surge, aqui, uma conclusão: a de que a determinação de respeito aos direitos do nascituro acentua a necessidade legal, ética e moral de existir maior e quase absoluta limitação da prática do abortamento. Uma exceção, apenas, há: quando for constatado, efetivamente, risco de vida à gestante.

Essa limitação quase absoluta da permissibilidade do abortamento, com a exclusão da responsabilidade tão-somente no caso do inciso I do artigo 128 do atual Código Penal (risco de vida à gestante), afasta, moralmente, a possibilidade

do abortamento em virtude do estupro (constrangimento da mulher à conjunção carnal, mediante violência ou grave ameaça), embora permitido no inciso II do dispositivo legal em tela. Isso porque, analisando-se o fato à luz da razão e deixando de lado, por ora, os reflexos do ato na gestante, estar-se-ia executando autêntica pena de morte em um ser inocente, condenado sem que tivesse praticado qualquer crime e — o que se afigura pior e cruel —, sem que se lhe facultasse o direito de defender-se, direito esse conferido, legalmente e com justiça, até àqueles acusados dos crimes os mais hediondos.

Eis a razão do grito de repúdio às propostas de alteração do Código Penal pátrio e, conseqüentemente, do alerta em defesa da vida, já que, no caso do abortamento, o destinatário do direito a ela se acha impossibilitado de exercê-lo. E mais: penalizam-se duas vítimas, a mãe que se submeterá ao abortamento, cuja prática pode gerar conseqüências físicas indesejáveis, além das de ordem psicológica, e o filho, cuja vida é interrompida, enquanto que o agressor, muitas vezes, permanece impune, dadas as dificuldades que ocorrem, geralmente, na apuração da autoria do crime cometido.

Diante dessa situação, deve ser preservada a vida da criança como dádiva divina que é, não obstante as circunstâncias que envolveram a sua concepção. Se, contudo, a mãe não se sentir com estrutura psicológica para aceitar um filho resultante de um ato sexual indesejado, a atitude que se afigura correta e justa é que se promova sua adoção por outrem, oferecendo-se a ele um lar onde possa ser criado e educado, enquanto é desenvolvido trabalho para reequilíbrio da mãe, com a superação (ainda que lenta e dolorosamente, mas saudável para seu crescimento moral, social e espiritual) dos efeitos nocivos do crime de que foi vítima. Não será, evidentemente, o sacrifício de um ser sem culpa, que desabrocha para a vida, que resolverá eventuais traumas da infeliz mãe, sem falar na possibilidade de sofrer ela as conseqüências físicas e psicológicas já referidas, além do reflexo negativo de natureza espiritual.

Há necessidade urgente de que se tenha consciência do crime que se pratica quando se interrompe o curso da vida de um ser. Não importa se, como no caso, esse curso esteja em sua fase inicial. Não se pode, conscientemente, acobertá-lo com o manto de questionável “legalidade”.

Cabe a cada um de nós amar a vida e dignificá-la, tanto quanto cabe aos homens públicos e, principalmente, aos legisladores e governantes criar as condições necessárias para que o respeito à vida e aos direitos humanos (inclusive do nascituro), a solidariedade e a ajuda recíproca sejam não só enunciados, mas praticados efetivamente, certos, todos, de que, independentemente da convicção religiosa ou doutrinária de cada um, não há dúvida de que somos seres criados por Deus, cujas Leis, entre elas, a maior, a Lei do Amor, regem nossos destinos.

Espera-se que, como resultado deste alerta que o quadro social está a sugerir, possa ser vislumbrada a gravidade contida nas alterações legislativas propostas. É urgente e necessário que todas as consciências responsáveis visualizem, compreendam e valorizem o cerne do problema em questão — o direito à vida —, somando-se, em conseqüência, àqueles muitos que, em todos os segmentos da sociedade, o defendem intransigentemente.

A análise e as conclusões aqui expostas, como decorrência lógica do pensamento espírita-cristão sobre o aborto, representam contribuição à ética, à moral e ao direito do ser humano à vida. Não há, no contexto desta mensagem, a pretensão de que todos que a lerem aceitem os princípios do Espiritismo. Espera-se, todavia, confiantemente, que haja maior reflexão sobre tão importante assunto, notadamente

ante a observação de que conquistas científicas e médicas atuais, comprovando de forma irrefutável a existência de um ser desde a concepção com direito à vida, oferecem esclarecimentos e razões que orientam para que se evite qualquer ação, cujo significado leve à agressão à vida do ser em formação no útero materno. Afigura-se, assim, de suma importância qualquer manifestação de repúdio aos propósitos da alteração legislativa referida. Esse o objetivo desta mensagem.

Enquanto nós, os homens, cidadãos e governantes, não aprendermos a demonstrar amor sincero e acolhimento digno aos seres que, de forma inocente e pura, buscam integrar o quadro social da Humanidade, construindo, com este gesto de amor, desde o início, as bases de um relacionamento realmente fraternal, não há como se pretender a criação de um ambiente de paz e solidariedade tão ansiosamente esperado em nosso mundo.

Não há como se pretender que crianças, jovens e adultos não sejam agressivos, se nós os ensinamos com o nosso comportamento, logo de início, e até legalmente, a serem tratados com desamor e com violência.

Amor à Vida! Aborto, não! •

(Este texto — O aborto na visão espírita — aprovado pelo Conselho Federativo Nacional em sua Reunião Ordinária de 13 a 15 de novembro de 1999, em Brasília, constitui o documento que a FEB está levando, como esclarecimento, à consideração das autoridades do Governo Federal, do Congresso Nacional e do Poder Judiciário. As Entidades Federativas estaduais, por sua vez, realizam o mesmo trabalho junto aos Governadores, Deputados Estaduais, Prefeitos, Vereadores, outras autoridades e ao público em geral, em seus Estados.)

Seara Espírita

FEB: CAMPO EXPERIMENTAL DE BRASÍLIA

As atividades do Campo Experimental da FEB, em Brasília, referentes a 1999, foram encerradas em dezembro com várias festividades: no dia 4, houve a confraternização dos jovens integrantes dos diversos ciclos de juventude, com cerca de 150 participantes; no dia 5, o Departamento de Infância e Juventude marcou o final de suas atividades do ano com apresentações artísticas pelas crianças dos diversos ciclos do DIJ; no dia 11, houve a confraternização do Estudo Sistemático da Doutrina Espírita, com números artísticos de integrantes do ESDE e do DIJ; no dia 15, a confraternização foi dos participantes do Curso do Estudo da Mediunidade.

O Departamento de Assistência Social distribuiu durante o ano 2.120 cestas básicas aos seus assistidos, além de cerca de 200 enxovais no Curso de Gestantes.

*

GOIÁS: ATIVIDADES DA FEEGO PARA 1999-2000

O programa de atividades da Federação Espírita do Estado de Goiás para o biênio 1999-2000 inclui como prioritários dois tipos de ações: a) Ações de iniciativa das Casas Espíritas: Participar mais ativamente com a comunidade; dar prioridade à criança e ao jovem visando à formação de trabalhadores da sua comunidade; e promover estudos sistematizados da Doutrina Espírita; b) Ações de iniciativa da Federação: Fomentar o intercâmbio entre Casas Espíritas; promover cursos para dirigentes e trabalhadores; incrementar o uso dos meios de comunicação para a divulgação do Espiritismo; e incentivar e apoiar obras assistenciais.

*

HUNGRIA: LIVRO ESPÍRITA NA BIBLIOTECA NACIONAL

A Biblioteca Nacional da Hungria, em Budapeste, incluiu, em seu acervo, considerado um dos maiores de toda a Europa, o livro “Vida Feliz”, ditado pelo Espírito Joanna de Ângelis e psicografado por Divaldo Pereira Franco, traduzido para o húngaro com o título “Boldog Élet”. A tradução foi feita pelo Professor Szabaldi Tibor, a partir de uma edição em Esperanto, promovida no Brasil pela “Spirita Eldona Societo F. V. Lorenz”. (Mundo Espírita.)

*

IRLANDA: CARAVANA ESPÍRITA

A cidade de Kenmare, County Kerry, Irlanda, recebeu pela primeira vez uma caravana espírita do Reino Unido, acompanhando Divaldo Pereira Franco e Nilson Pereira em tarefas doutrinárias. Eliana M. Kraut e Martin Kraut foram os anfitriões e organizadores do evento, que ocorreu no Colégio Católico, o Holy Cross College. Os irlandeses, presentes, vindos de cidades próximas como Limerick, mostraram-se muito interessados, tecendo comentários e formulando perguntas que enriqueceram a reunião. (RIE.)

*

PARANÁ: PRÊMIO MONOGRAFIA DE ÉTICA MÉDICA

O Conselho Regional de Medicina do Paraná (CRM/PR) instituiu o prêmio Monografia de Ética Médica, 1999, em nível nacional, com o tema “Aborto. Direito da Mulher?”. Na classificação geral, o segundo lugar coube à monografia do acadêmico espírita de Medicina Maurício Venâncio Sperandio, da Universidade Federal do Paraná, com o título “Humanização do conceito e seu direito à vida”.

*

ARGENTINA: JUVENTUDE ESTUDA A DOCTRINA

A Asociación Espiritista Luz y Vida, de Buenos Aires, que está comemorando neste mês seu 90º aniversário, conta em suas atividades com a participação do Grupo de Jovens, que se reúne aos sábados para o estudo do “Livro dos Espíritos”. A Asociación sempre se destacou no estudo e difusão do Espiritismo, além de manter diversas atividades no campo assistencial. (SEI.)

*

SANTA CATARINA: FEC ELABORA PLANO DE AÇÃO 1999-2002

A Federação Espírita Catarinense preparou para o período 1999-2002 seu Plano de Ação para os Desafios do Terceiro Milênio, elaborado a partir das idéias e experiências colhidas nos seguintes eventos: “I Encontro Catarinense de Presidentes de Instituições Espíritas”, de 16 a 18 de abril/99, quando se realizou o “I Fórum de Avaliação do Movimento Espírita Catarinense”, visita à União das Sociedades Espíritas do Estado do Rio de Janeiro (USEERJ), nos dias 3 e 4 de maio/99, após a reunião anual da Comissão Regional Sul do Conselho Federativo Nacional da FEB.

*

RIO DE JANEIRO: SIMPÓSIO SOBRE O SUICÍDIO

Como parte das comemorações da Semana da Asa, realizou-se em 19 de outubro passado, no Terceiro Comando Aéreo Regional (Praça Marechal Âncora, Castelo, Rio de Janeiro), o “Simpósio Espírita Cristão”, com o tema “Suicídio, nunca!”, sendo expositores Ruy Kremer, Presidente da Cruzada dos Militares Espíritas, e Emil Dario Framback, da USEERJ.

*

SÃO PAULO: ENCONTRO DE EDUCADORES

Realizou-se na sede da Federação Espírita do Estado de São Paulo, de 28 a 30 de janeiro passado, o Encontro Feesp de Educadores Espíritas, no qual foram desenvolvidos os temas “A Família no Processo Educativo”, “Participação da Criança no Evangelho do Lar”, “Apresentação Artística da Mocidade”, “Pinga-fogo para Jovens”, “Orientação Psico-Pedagógica” e “Prática Pedagógica”, pelos expositores Wladimir Lisso, Richard Simonetti e Sílvia Cristina Puglia, além das equipes das diversas áreas abrangidas pelo temário.

◆

REFORMADOR

PEDIDO DE ASSINATURA:

ALTERAÇÃO DE ENDEREÇO:

Nome
Endereço
Bairro..... CEP
Cidade Estado
País Tel.:

* Se você deseja oferecer uma assinatura de presente a alguém preencha o quadro acima com os dados do presenteado e o quadro abaixo com seus dados.

Para cobrança: Nome
Endereço
Bairro..... CEP
Cidade Estado
País Tel.:

NOTA: O pedido de assinatura deve vir acompanhado do comprovante do pagamento da assinatura anual, no valor de R\$ 24,00.

O pagamento pode ser feito através de cheque nominal à Federação Espírita Brasileira, ou de ordem de pagamento, vale postal ou depósito na conta 9062-X — Agência 0265-8, do Banco do Brasil (enviando-nos o comprovante).

SEJA SÓCIO DA FEB

A FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA é instituição sem fins lucrativos, de caráter nacional, dedicada ao estudo e difusão da Doutrina Espírita, por sua divulgação e apoio ao Movimento Espírita nacional e internacional .

Associe-se à Instituição, como sócio contribuinte, colaborando para a tarefa a que se propõe realizar na causa do bem e na prática da caridade. Basta preencher este cupom e colocá-lo no correio; não precisa selar. A cada trimestre você decide o valor de sua contribuição. Indique a seguir o valor para o trimestre inicial: **R\$.....** *

Nome.....
Endereço.....CEP
Município Estado.....País.....
Tel.: () Celular ().....Fax
E-Mail.....Identidade.....CPF
Assinatura.....

* Valor mínimo trimestral de R\$ 15,00. Aguarde as boletas e instruções para pagamento.

Obrigado.